

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA
NOVA EVANGELIZAÇÃO

SEMPRE TEREIS POBRES ENTRE VÓS

V Dia Mundial dos Pobres
14 de Novembro de 2021

SUBSÍDIO PASTORAL




SAN PAOLO

**CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA
NOVA EVANGELIZAÇÃO**

SEMPRE TEREIS POBRES ENTRE VÓS

**V Dia Mundial dos Pobres
14 de Novembro de 2021**

SUBSÍDIO PASTORAL



SAN PAOLO

Agradecimentos especiais pelo contributo para a elaboração deste Subsídio:

- P. Fernando Armellini (Dehoniano, biblista)
- P. Francesco Dell'Orco (Arquidiocese de Trani - Barletta - Bisceglie)
- P. Francesco Filannino (Pontifícia Universidade Lateranense - Cidade do Vaticano)
- P. Pierpaolo Lippo (Pontifício Instituto Bíblico - Roma)
- P. Cesare Mariano (Instituto Teológico da Basilicata - Potenza)
- Ir. Ludwig Monti (Comunidade de Bose, biblista)

© 2021 Edizioni San Paolo s.r.l.

Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano)

www.edizionisanpaolo.it

Distribuição: Diffusione San Paolo s.r.l.

Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano)

© 2021 Periodici San Paolo s.r.l.

Via Giotto, 36 - 20145 Milano

Para os textos do Papa © Libreria Editrice Vaticana

Projeto gráfico: Giacomo Travisani

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste volume pode ser publicada, reproduzida, armazenada em meios eletrônicos, transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, fotocopiada ou gravada, ou distribuída de outra forma, sem a permissão escrita do editor.

O editor tem feito todo o possível para identificar e localizar todos os titulares de direitos fotográficos. No caso de serem reproduzidas imagens alheias neste subsídio, o editor ficará à disposição dos titulares dos direitos.

Stampa: Mediagraf SpA - Noventa Padovana (PD)

ISBN 978-88-922-2633-3



V DIA MUNDIAL DOS POBRES 2021

SEMPRE TEREIS POBRES ENTRE VÓS

Apresentação

O *Dia Mundial dos Pobres* chega ao seu quinto aniversário. Não é muito, mas esta ocasião permite fazer uma primeira síntese. Quando o Papa Francisco, no mês de novembro de 2016, tirando os olhos do texto oficial da sua homilia e olhando para os milhares de pobres que enchiam a Basílica de São Pedro para celebrar o seu *Jubileu da misericórdia*, anunciava que, a partir daquele momento, a Igreja deveria ter o seu *Dia Mundial dos Pobres*, poucos previam o efeito que se iria criar.

O facto de ter desejado que este momento fosse confiado ao Dicastério para a Nova Evangelização tinha uma motivação e um objetivo a atingir. Com efeito, o Papa Francisco pretendia corresponder diretamente ao que tinha escrito como programa do seu pontificado: «Desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles» (EG 198).

A partir desse momento, nestes anos este Dia tem tratado várias temáticas, inspirando-se sempre na Palavra de Deus. “Não amemos com palavras, mas com obras” (cf. 1Jo 3,18) em 2017, “Este pobre clama e o Senhor o escuta” (Sl 33,7) em 2018, “A esperança dos pobres jamais se frustrará” (Sl 9,19) em 2019, “Estende a tua mão ao pobre” (Sir 7,32) em 2020. Como se pode ver, se nos primeiros anos foram as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade a ocupar o centro da reflexão, agora estamos a dar início a um percurso que pretende redescobrir de perto as novas situações de pobreza.

“Sempre tereis pobres entre vós” (Mc 14,7). Estas palavras de Jesus são exploradas na Mensagem que o Papa Francisco tornou pública, como sempre, no dia de Santo António e que agora são ulteriormente correspondidas com este Subsídio pastoral que é colocado nas mãos do Povo de Deus, para que este *Dia Mundial* possa representar uma permanente provocação às nossas comunidades para que sejam atentas e acolhedoras para com todos os que se apresentam à nossa porta. Como é sabido, esta expressão de Jesus na véspera da sua paixão era uma repreensão dirigida aos seus discípulos porque não deviam criticar a mulher que tinha derramado sobre Ele um perfume muito caro. De certa forma, Jesus estava a assumir-Se como intérprete e representante de todos os pobres recebendo a devida atenção pelos seus sofrimentos. «As pessoas mais vulneráveis encontram-se privadas de bens de primeira necessidade. As longas filas diante das cantinas para os pobres são o sinal pal-

pável deste agravamento». É assim que o Papa Francisco descreve as pobrezaas que todos os dias estão diante dos nossos olhos para que ninguém vire a cara para outro lado só para não assumir as suas responsabilidades necessárias. Ter os pobres sempre connosco não pode ser visto como um incómodo, mas tem de suscitar o devido sentido de justiça e solidariedade cristãs. Estas são o prelúdio indispensável para que a celebração da Eucaristia seja uma verdadeira partilha com o Corpo e Sangue de Cristo e sustento do testemunho vivo dos cristãos como forma de credibilidade da fé.

✠ Rino Fisichella

*Presidente do Conselho Pontifício
para a Promoção da Nova Evangelizaçon*



Sempre terec



MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O V DIA MUNDIAL DOS POBRES

XXXIII Domingo do Tempo Comum
14 de novembro de 2021

«SEMPRE TEREIS POBRES ENTRE VÓS»
(Mc 14,7)

1. «Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14,7): estas palavras foram pronunciadas por Jesus, alguns dias antes da Páscoa, por ocasião duma refeição em Betânia na casa de Simão chamado «o leproso». Como narra o evangelista, entrou lá uma mulher com um vaso de alabastro cheio de perfume muito precioso e derramou-o sobre a cabeça de Jesus. Este gesto suscitou grande estupefação e deu origem a duas interpretações diversas.

A primeira delas é a indignação de alguns dos presentes, incluindo os discípulos, que, ao considerar o valor do perfume (cerca de 300 denários, equivalente ao salário anual dum trabalhador), pensam que teria sido melhor vendê-lo e dar o produto aos pobres. Segundo o Evangelho de João, é Judas que se faz intérprete desta posição: «Porque é que não se vendeu este perfume por trezentos denários, para os dar aos pobres?». E o evangelista observa: «Ele, porém, disse isto, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa do dinheiro, tirava o que nela se deitava» (Jo 12,5-6). Não é por acaso que esta crítica dura sai da boca do traidor: é a

prova de que, quantos não reconhecem os pobres, atraíam o ensinamento de Jesus e não podem ser seus discípulos. Recordemos, a este propósito, as palavras fortes de Orígenes: «Judas, aparentemente, estava preocupado com os pobres. (...) Se, agora, ainda houver alguém que tem a bolsa da Igreja e fala a favor dos pobres como Judas, mas depois tira o que metem lá dentro, então tenha parte juntamente com Judas» (*Comentário ao Evangelho de Mateus* 11,9).

A segunda interpretação é dada pelo próprio Jesus e permite individuar o sentido profundo do gesto realizado pela mulher. Diz Ele: «Deixai-a. Porque estais a atormentá-la? Praticou em Mim uma boa ação» (Mc 14, 6). Jesus sabe que está próxima a sua morte e vê, naquele gesto, a antecipação da unção do seu corpo sem vida antes de ser colocado no sepulcro. Esta visão ultrapassa todas as expectativas dos convivas. Jesus recorda-lhes que Ele é o primeiro pobre, o mais pobre entre os pobres, porque os representa a todos. E é também em nome dos pobres, das pessoas abandonadas, marginalizadas e discriminadas que o Filho de Deus aceita o gesto daquela mulher. Esta, com a sua sensibilidade feminina, demonstra ser a única que compreendeu o estado de espírito do Senhor. Esta mulher anónima – talvez por isso destinada a representar todo o universo feminino que, no decurso dos séculos, não terá voz e sofrerá violências –, inaugura a significativa presença de mulheres que participam no momento culminante da vida de Cristo: a sua crucifixão, morte e sepultura e a sua aparição como Ressuscitado. As mulheres, tantas vezes discriminadas e mantidas ao largo dos postos de responsabilidade, nas páginas do Evangelho são, pelo contrário, protagonistas na história da revelação. E é eloquente a frase conclusiva de Jesus, que associa esta mulher à grande missão evangelizadora: «Em verdade vos digo: em qualquer parte do mundo onde for proclamado o Evangelho, há de contar-se também, em sua memória, o que ela fez» (Mc 14 9).

2. Esta forte «empatia» entre Jesus e a mulher e o modo como Ele interpreta a sua unção, em contraste com a visão escandalizada de Judas e doutros, inauguram um fecundo caminho de reflexão sobre o laço indivisível que existe entre Jesus, os pobres e o anúncio do Evangelho.

Com efeito, o rosto de Deus que Ele revela é o de um Pai para os pobres e próximo dos pobres. Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto

duma fatalidade, mas sinal concreto da sua presença no nosso meio. Não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-l’O na vida dos pobres, na sua tribulação e indigência, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver. Não me canso de repetir que os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a ser evangelizados e chamados a partilhar a bem-aventurança do Senhor e o seu Reino (cf. Mt 5,3).

Os *pobres* de qualquer condição e latitude evangelizam-nos, porque permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai. Eles «têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro, considerando-o como um só consigo mesmo. Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo de procurar efetivamente o seu bem» (Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 198-199).

3. Jesus não só está do lado dos pobres, mas também partilha com eles a mesma sorte. Isto constitui também um forte ensinamento para os seus discípulos de todos os tempos. As suas palavras – «sempre tereis pobres entre vós» – pretendem indicar também isto: a sua presença no meio de nós é constante, mas não deve induzir àquela habituação que se torna indiferença, mas empenhar numa partilha de vida que não prevê delegações. Os pobres não são pessoas «externas» à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes ser devolvida a dignidade perdida e garantida a necessária inclusão social. Aliás sabe-se que um gesto de beneficência pressupõe um benfeitor e um beneficiado, enquanto a partilha gera fraternidade. A esmola é ocasional, ao passo que a par-

tilha é duradoura. A primeira corre o risco de gratificar quem a dá e humilhar quem a recebe, enquanto a segunda reforça a solidariedade e cria as premissas necessárias para se alcançar a justiça. Enfim os crentes, quando querem ver Jesus em pessoa e tocá-l'O com a mão, sabem aonde dirigir-se: os pobres são sacramento de Cristo, representam a sua pessoa e apontam para Ele.

Temos muitos exemplos de Santos e Santas que fizeram da partilha com os pobres o seu projeto de vida. Penso, entre outros, no Padre Damião de Veuster, Santo apóstolo dos leprosos. Com grande generosidade, respondeu à vocação de ir para a ilha de Molokai – tinha-se tornado um gueto acessível apenas aos leprosos –, a fim de viver e morrer com eles. Lançando-se ao trabalho, tudo fez para tornar digna de ser vivida a existência daqueles pobres doentes e marginalizados, reduzidos à degradação extrema. Fez-se médico e enfermeiro, sem se preocupar com os riscos que corria, levando a luz do amor àquela «colónia de morte», como era designada a ilha. A lepra atingiu-o também a ele, sinal duma partilha total com os irmãos e irmãs pelos quais dera a vida. O seu testemunho é muito atual nestes nossos dias, marcados pela pandemia de coronavírus: com certeza a graça de Deus está em ação no coração de muitas pessoas que, sem dar nas vistas, se gastam concretamente partilhando a sorte dos mais pobres.

4. Por isso precisamos de aderir com plena convicção ao convite do Senhor: «Convertei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1,15). Esta conversão consiste, primeiro, em abrir o nosso coração para reconhecer as múltiplas expressões de pobreza e, depois, em manifestar o Reino de Deus através dum estilo de vida coerente com a fé que professamos. Com frequência, os pobres são considerados como pessoas aparte, como uma categoria que requer um serviço caritativo especial. Seguir Jesus comporta uma mudança de mentalidade a esse propósito, ou seja, acolher o desafio da partilha e da participação. Tornar-se seu discípulo implica a opção de não acumular tesouros na terra, que dão a ilusão duma segurança em realidade frágil e efêmera; ao contrário, requer disponibilidade para se libertar de todos os vínculos que impedem de alcançar a verdadeira felicidade e bem-aventurança, para reconhecer aquilo que é duradouro e que nada e ninguém pode destruir (cf. Mt 6, 19-20).

Mas o ensinamento de Jesus aparece em contracorrente também neste caso, porque promete aquilo que só os olhos da fé podem ver e experimentar com certeza absoluta: «Todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna» (Mt 19, 29). Se não se optar por tornar-se pobre de riquezas efêmeras, poder mundano e vanglória, nunca se será capaz de dar a vida por amor; viver-se-á uma existência fragmentária, cheia de bons propósitos mas ineficaz para transformar o mundo. Trata-se, portanto, de abrir-se decididamente à graça de Cristo, que pode tornar-nos testemunhas da sua caridade sem limites e restituir credibilidade à nossa presença no mundo.

5. O Evangelho de Cristo impele a ter uma atenção muito particular para com os pobres e requer que se reconheça as múltiplas, demasiadas, formas de desordem moral e social que sempre geram novas formas de pobreza. Parece ganhar terreno a conceção segundo a qual os pobres não só são responsáveis pela sua condição, mas constituem também um peso intolerável para um sistema económico que coloca no centro o interesse de algumas categorias privilegiadas. Um mercado que ignora ou discrimina os princípios éticos cria condições desumanas que se abatem sobre pessoas que já vivem em condições precárias. Deste modo assiste-se à criação incessante de armadilhas novas da miséria e da exclusão, produzidas por agentes económicos e financeiros sem escrúpulos, desprovidos de sentido humanitário e responsabilidade social.

Além disso, no ano passado, veio juntar-se outra praga que multiplicou ainda mais o número dos pobres: a pandemia. Esta continua a bater à porta de milhões de pessoas e, mesmo quando não traz consigo o sofrimento e a morte, todavia é portadora de pobreza. Os pobres têm aumentado desmesuradamente e o mesmo, infelizmente, continuará a verificar-se ainda nos próximos meses. Alguns países estão a sofrer gravíssimas consequências devido à pandemia, a ponto de as pessoas mais vulneráveis se encontrarem privadas de bens de primeira necessidade. As longas filas diante das cantinas para os pobres são o sinal palpável deste agravamento. Um olhar atento requer que se encontrem as soluções mais idóneas para combater o vírus a nível mundial, sem olhar a interesses de parte. De modo particular, é urgente dar respostas

concretas a quantos padecem o desemprego, que atinge de maneira dramática tantos pais de família, mulheres e jovens. A solidariedade social e a generosidade de que muitos, graças a Deus, são capazes, juntamente com projetos clarividentes de promoção humana, estão a dar e darão um contributo muito importante nesta conjuntura.

6. Entretanto permanece de pé uma questão, nada óbvia: Como se pode dar uma resposta palpável aos milhões de pobres que tantas vezes, como resposta, só encontram a indiferença, quando não a aversão? Qual caminho de justiça é necessário percorrer para que as desigualdades sociais possam ser superadas e seja restituída a dignidade humana tão frequentemente espezinhada? Um estilo de vida individualista é cúmplice na geração da pobreza e, muitas vezes, descarrega sobre os pobres toda a responsabilidade da sua condição. Mas a pobreza não é fruto do destino; é consequência do egoísmo. Portanto é decisivo dar vida a processos de desenvolvimento onde se valorizem as capacidades de todos, para que a complementaridade das competências e a diversidade das funções conduzam a um recurso comum de participação. Há muitas pobreza dos «ricos» que poderiam ser curadas pela riqueza dos «pobres», bastando para isso encontrarem-se e conhecerem-se. Ninguém é tão pobre que não possa dar algo de si na reciprocidade. Os pobres não podem ser aqueles que apenas recebem; devem ser colocados em condição de poder dar, porque sabem bem como corresponder. Quantos exemplos de partilha diante dos nossos olhos! Os pobres ensinam-nos frequentemente a solidariedade e a partilha. É verdade que são pessoas a quem falta algo e por vezes até muito, se não mesmo o necessário; mas não falta tudo, porque conservam a dignidade de filhos de Deus que nada e ninguém lhes pode tirar.

7. Impõe-se, pois, uma abordagem diferente da pobreza. É um desafio que os governos e as instituições mundiais precisam de perfilhar, com um modelo social clarividente, capaz de enfrentar as novas formas de pobreza que invadem o mundo e marcarão de maneira decisiva as próximas décadas. Se os pobres são colocados à margem, como se fossem os culpados da sua condição, então o próprio conceito de democracia é posto em crise e fracassa toda e qualquer política social. Com grande humildade, temos de confessar que muitas vezes não passamos de incompetentes a respeito dos pobres: fala-se

deles em abstrato, fica-se pelas estatísticas e pensa-se sensibilizar com qualquer documentário. Ao contrário, a pobreza deveria incitar a uma projeção criativa, que permita fazer aumentar a liberdade efetiva de conseguir realizar a existência com as capacidades próprias de cada pessoa. Pensar que a posse de dinheiro consinta e aumente a liberdade é uma ilusão de que devemos afastar-nos. Servir eficazmente os pobres incita à ação e permite encontrar as formas mais adequadas para levantar e promover esta parte da humanidade, demasiadas vezes anónima e sem voz, mas que em si mesma traz impresso o rosto do Salvador que pede ajuda.

8. «Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14,7): é um convite a não perder jamais de vista a oportunidade que se nos oferece para fazer o bem. Como pano de fundo, pode-se vislumbrar o antigo mandamento bíblico: «Se houver junto de ti um indigente entre os teus irmãos (...), não endurecerás o teu coração e não fecharás a tua mão ao irmão necessitado. Abre-lhe a tua mão, empresta-lhe sob penhor, de acordo com a sua necessidade, aquilo que lhe faltar. (...) Deves dar-lhe, sem que o teu coração fique pesaroso; porque, em recompensa disso, o Senhor, teu Deus, te abençoará em todas as empresas das tuas mãos. Sem dúvida, nunca faltarão pobres na terra» (Dt 15,7-8.10-11). E no mesmo cumprimento de onda se coloca o apóstolo Paulo, quando exorta os cristãos das suas comunidades a socorrer os pobres da primeira comunidade de Jerusalém e a fazê-lo «sem tristeza nem constrangimento, pois Deus ama quem dá com alegria» (2 Cor 9,7). Não se trata de serenar a nossa consciência dando qualquer esmola, mas antes contrastar a cultura da indiferença e da injustiça com que se olha os pobres.

Neste ponto, faz-nos bem recordar as palavras de São João Crisóstomo: «Quem é generoso não deve pedir contas do comportamento, mas somente melhorar a condição de pobreza e satisfazer a necessidade. O pobre só tem uma defesa: a sua pobreza e a condição de necessidade em que se encontra. Não lhe peças mais nada; mesmo que fosse o homem mais malvado do mundo, se lhe vier a faltar o alimento necessário, libertemo-lo da fome. (...) O homem misericordioso é um porto para quem está em necessidade: o porto acolhe e liberta do perigo todos os náufragos, sejam eles malfeitores, bons ou como forem. Aos que se encontram em perigo, o porto acolhe-os, coloca-os

em segurança dentro da sua enseada. Também tu, portanto, quando vês por terra um homem que sofreu o naufrágio da pobreza, não o julgues, nem lhe peças conta do seu comportamento, mas liberta-o da desventura» (*Discursos sobre o pobre Lázaro*, II,5).

9. É decisivo aumentar a sensibilidade para se compreender as exigências dos pobres, sempre em mutação por força das condições de vida. Com efeito, nas áreas economicamente mais desenvolvidas do mundo, está-se menos predisposto hoje que no passado a confrontar-se com a pobreza. O estado de relativo bem-estar ao qual se habituaram torna mais difícil aceitar sacrifícios e privações. Está-se pronto a tudo só para não ficar privado daquilo que foi fruto de fácil conquista. Deste modo, cai-se em formas de rancor, nervosismo espasmódico, reivindicações que levam ao medo, à angústia e, nalguns casos, à violência. Este não é o critério sobre o qual construir o futuro; também estas são formas de pobreza, para as quais não se pode deixar de olhar. Devemos estar abertos a ler os sinais dos tempos que exprimem novas modalidades de ser evangelizadores no mundo contemporâneo. A assistência imediata para acorrer às necessidades dos pobres não deve impedir de ser clarividente para atuar novos sinais do amor e da caridade cristã como resposta às novas pobreza que experimenta a humanidade de hoje.

Faço votos de que o *Dia Mundial dos Pobres*, chegado já à sua quinta celebração, possa radicar-se cada vez mais nas nossas Igrejas locais e abrir-se a um movimento de evangelização que, em primeira instância, encontre os pobres lá onde estão. Não podemos ficar à espera que batam à nossa porta; é urgente ir ter com eles às suas casas, aos hospitais e casas de assistência, à estrada e aos cantos escuros onde, por vezes, se escondem, aos centros de refúgio e de acolhimento... É importante compreender como se sentem, o que estão a passar e quais os desejos que têm no coração. Façamos nossas as palavras inflamadas do Padre Primo Mazzolari: «Gostaria de pedir-vos para não me perguntardes se existem pobres, quem são e quantos são, porque tenho receio que tais perguntas representem uma distração ou o pretexto para escapar duma específica indicação da consciência e do coração. (...) Os pobres, eu nunca os contei, porque não se podem contar: os pobres abraçam-se, não se contam» (Revista *«Adesso»*, n.º 7, 15 de abril de 1949). Os pobres

estão no meio de nós. Como seria evangélico, se pudéssemos dizer com toda a verdade: também nós somos pobres, porque só assim conseguiríamos realmente reconhecê-los e fazê-los tornar-se parte da nossa vida e instrumento de salvação.

*Roma, São João de Latrão, 13 de junho de 2021
na Memória de Santo António*

Francesco



Os pobres entre vós



HOMILIA

DO SANTO PADRE FRANCISCO

Santa Missa na Basílica de São Pedro
IV Dia Mundial dos Pobres
XXXIII Domingo do Tempo Comum
15 de novembro de 2020

A parábola que ouvimos apresenta um início, um centro e um fim, que iluminam o início, o centro e o fim da nossa vida.

O início. Tudo parte de um bem avultado: o dono não guarda as suas riquezas para si, mas entrega-as aos servos: a um cinco talentos, a outro dois, e ao terceiro um, «a cada qual conforme a sua capacidade» (Mt 25,15). Calcula-se que um único talento equivalia aproximadamente ao salário de vinte anos de trabalho: era um bem superabundante, que então dava para uma vida inteira. Aqui está o início: também conosco tudo começou com a graça de Deus – tudo, sempre, começa com a graça de Deus, não com as nossas forças – com a graça de Deus, que é Pai e colocou um bem tão grande nas nossas mãos, confiando a cada um talentos diversos. Somos portadores duma grande riqueza, que não depende da quantidade de coisas que temos, mas daquilo que somos: a vida recebida, o bem que há em nós, a beleza intangível com que Deus nos dotou. Feitos à imagem d’Ele, cada um de nós é precioso a seus olhos, cada um de nós é único e insubstituível na história! É assim que Deus nos vê, é assim que Deus nos sente.

Como é importante lembrarmo-nos disto! Muitas vezes, olhando para a nossa vida, vemos só o que nos falta e lamentamo-nos daquilo que nos falta. Então cedemos à tentação do «quem dera...»: quem dera que eu tivesse aquele emprego, quem dera que eu tivesse aquela casa, quem dera que eu tivesse dinheiro e sucesso, quem dera que eu não tivesse tal problema, quem dera que eu tivesse pessoas melhores ao meu redor! Mas a ilusão do «quem dera» impede-nos de ver o bem e faz-nos esquecer os talentos que possuímos.

É verdade que tu não tens aquilo, mas tens isto, e o «quem dera» faz com que nos esqueçamos disto. Mas Deus confiou-no-los, porque conhece cada um de nós e sabe aquilo de que somos capazes; confia em nós, apesar das nossas fragilidades. Confia até naquele servo que esconderá o talento: Deus espera que também ele, não obstante os seus medos, utilize bem aquilo que recebeu. Em suma, o Senhor pede que nos empenhemos no tempo presente sem nostalgia do passado, mas na diligente expectativa do seu regresso. Sem aquela nostalgia ruim, que é como o humor amarelo, o humor negro que envenena a alma, fazendo-a olhar sempre para trás, sempre para os outros, e nunca para as próprias mãos, para as possibilidades de trabalho que o Senhor nos deu, para as nossas condições, inclusive para as nossas pobrezaas.

Chegamos assim ao centro da parábola: a atividade dos servos, isto é, o serviço. E serviço é também a nossa atividade, aquilo que faz frutificar os talentos e dá sentido à vida: de facto, quem não vive para servir, não serve para viver. Devemos repetir isto e repeti-lo muito: quem não vive para servir, não serve para viver. Devemos meditar nisto: quem não vive para servir, não serve para viver. Mas qual é o estilo do serviço? Servos bons, no Evangelho, são aqueles que arriscam. Não se mostram exageradamente cautelosos e precavidos, não conservam intacto o que receberam, mas usam-no. Com efeito o bem, se não se investir, perde-se, já que a grandeza da nossa vida não depende de quanto amealhamos, mas do fruto que produzimos. Quantas pessoas passam a vida só a acumular, pensando mais em estar bem do que em fazer bem! Como é vazia, porém, uma vida que se preocupa das próprias necessidades, sem olhar para quem tem necessidade! Se temos dons, é para nós sermos dom para os outros. Neste ponto, irmãos e irmãs, perguntemo-nos: preocupo-me só das necessidades, ou sou capaz de olhar para quem tem necessidade? Para quem passa necessidade? A minha mão é assim [mostra-a aberta] ou assim [a mão fechada]?

Note-se que os servos que investem, que arriscam, quatro vezes são chamados «féis» (Mt 25,21.23). Segundo o Evangelho, não há fidelidade sem risco. «Mas, padre, ser cristão significa arriscar?» – «Sim, querido ou querida, arriscar. Se tu não arriskas, acabarás como o terceiro [servo]: enterrando as tuas capacidades, as tuas riquezas espirituais, materiais, tudo». Arriscar: não

há fidelidade sem risco. Ser fiel a Deus é gastar a vida, é deixar que os nossos planos acabem transtornados pelo serviço. «Eu tenho este plano, mas se me ponho a servir...» Deixa que fique transtornado o plano; tu, serve. É triste quando um cristão se coloca à defesa, prendendo-se apenas à observância das regras e ao respeito dos mandamentos. Aqueles cristãos «comedidos» que nunca dão um passo fora das regras; nunca, porque têm medo de arriscar. E — permiti-me a imagem — as pessoas que estão de tal modo atentas a si mesmas que nunca arriscam, elas começam na vida um processo de mumificação da alma, e acabam como múmias. Isto não basta! Não basta observar a regras; a fidelidade a Jesus não consiste apenas em não cometer erros; esta é a parte negativa. Assim pensava o servo preguiçoso da parábola: desprovido de iniciativa e criatividade, esconde-se atrás dum medo inútil e enterra o talento recebido. O dono classifica-o de «mau» (25,26). E, contudo, não fez nada de mal... É verdade! Mas, de bom, também não fez nada. Preferiu pecar por omissão do que correr o risco de errar. Não foi fiel a Deus, que gosta de Se dar; e fez-Lhe a ofensa pior: devolver-Lhe o dom recebido; «deste-me isto, e é isto que eu Te dou». Ao contrário, o Senhor convida a envolver-nos generosamente e a vencer o temor com a coragem do amor, a superar a passividade que se torna cumplicidade. Nestes tempos de incerteza, nestes tempos de fragilidade que correm, não desperdicemos a vida pensando só em nós mesmos, assumindo uma atitude de indiferença. Não nos iludamos dizendo «paz e segurança!» (1Ts 5,3). São Paulo convida-nos a olhar a realidade de frente, a não nos deixarmos contagiar pela indiferença.

Então como é servir segundo a vontade de Deus? O dono explica-o ao servo infiel: «Devias ter levado o meu dinheiro aos banqueiros e, no meu regresso, teria levantado o meu dinheiro com juros» (25,27). No nosso caso, quem são estes «banqueiros» capazes de nos proporcionar juros duradouros? São os pobres. Não o esqueçais: os pobres estão no centro do Evangelho; o Evangelho não se compreende sem os pobres. A personalidade dos pobres é igual à de Jesus que, sendo rico, aniquilou-Se a Si mesmo, fez-Se pobre, fez-Se pecado, a pior pobreza. Os pobres garantem-nos um rendimento eterno e permitem, já agora, enriquecer-nos no amor. Com efeito, a maior pobreza que devemos combater é a nossa pobreza de amor. A maior pobreza que devemos combater é a nossa pobreza de amor. O livro dos Provérbios elogia uma

mulher diligente e caritativa, cujo valor é superior ao das pérolas; devemos imitar aquela mulher que, como diz o texto, «abre a mão ao indigente» (Pr 31,20): esta é a grande riqueza daquela mulher. Em vez de exigir o que te falta, estende a mão a quem passa necessidade: assim multiplicarás os talentos que recebeste.

Aproxima-se o período do Natal, o tempo das festas. E a pergunta que muitas vezes as pessoas se colocam é: «O que posso comprar? Que mais posso ter? Preciso de ir às lojas comprar». Digamos a outra versão: «O que posso dar aos outros?». Para ser como Jesus, que Se deu a Si mesmo e até nasceu naquele presépio.

Chegamos, assim, ao final da parábola: haverá quem tenha em abundância e quem tenha malbaratado a vida ficando pobre (cf. 25,29). Em suma, no fim da vida, esta desvendar-se-á como é na realidade: declinará a ficção do mundo – segundo a qual o sucesso, o poder e o dinheiro é que dão sentido à existência –, enquanto o amor, aquilo que tivermos dado, surgirá como a verdadeira riqueza. Aquelas coisas declinarão, ao passo que o amor sobressairá. Como escrevia um grande Padre da Igreja, «assim acontece na vida: quando chega a morte, acaba-se o espetáculo; todos tiram a máscara da riqueza e da pobreza ao deixarem este mundo. E são julgados apenas com base nas suas obras, resultando uns realmente ricos, outros pobres» (São João Crisóstomo, *Discurso sobre o pobre Lázaro*, II, 3). Se não queremos viver pobremente, peçamos a graça de ver Jesus nos pobres, servi-l’O nos pobres.

Quero agradecer a tantos servos fiéis de Deus, que vivem assim, servindo, e de quem não se fala. Penso, por exemplo, no padre Roberto Malgesini. Este padre não fazia teorias; simplesmente, via Jesus no pobre; e o sentido da vida, em servir. Enxugava lágrimas com mansidão, em nome de Deus que consola. O início do seu dia era a oração, para acolher o dom de Deus; o centro do dia, a caridade para fazer frutificar o amor recebido; o final, um claro testemunho do Evangelho. Aquele homem compreendia que devia estender a sua mão aos inúmeros pobres que encontrava diariamente, porque em cada um deles via Jesus. Irmãos e irmãs, peçamos a graça de ser cristãos não em palavras, mas em obras... para dar fruto, como Jesus deseja. Assim seja.



LECTIO DIVINA

Primeira Proposta

«SEMPRE TEREIS POBRES ENTRE VÓS»

(Mc 14,7)

LECTIO

Mc 14,1-11

«Faltavam dois dias para a festa da Páscoa e dos Ázimos e os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam maneira de se apoderarem de Jesus à traição, para Lhe darem a morte. Mas diziam: “Durante a festa, não, para que não haja algum tumulto entre o povo”.

Jesus encontrava-Se em Betânia, em casa de Simão o leproso, e, estando à mesa, veio uma mulher que trazia um vaso de alabastro com perfume de nardo puro de alto preço. Partiu o vaso de alabastro e derramou-o sobre a cabeça de Jesus. Alguns indignaram-se e diziam entre si: “Para que foi esse desperdício de perfume? Podia vender-se por mais de trezentos denários e dar o dinheiro aos pobres”. E censuravam a mulher com aspereza.

Mas Jesus disse: “Deixai-a. Porque estais a importuná-la? Ela fez uma boa ação para comigo. Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem; mas a Mim, nem sempre Me tereis. Ela fez o que estava ao seu alcance: ungiu de antemão o meu corpo para a sepultura. Em verdade vos digo: Onde quer que se proclamar o Evangelho, pelo mundo inteiro, dir-se-á também em sua memória o que ela fez”.

Então, Judas Iscariotes, um dos Doze, foi ter com os príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus. Quando o ouviram, alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele procurava uma oportunidade para entregar Jesus».

«Sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem; mas a Mim, nem sempre Me tereis».

Para interpretar estas palavras enigmáticas de Jesus em Mc 14,7, é de decisiva importância lê-las no contexto do conjunto semiótico em que estão colocadas, ou seja, no relato da paixão e morte de Jesus (Mc 14,1-15,47), relato que tem uma parte tão preponderante nos evangelhos, a ponto de lhe ter sido atribuída a célebre definição de «relatos da paixão de Jesus precedidos por uma ampla introdução».

As palavras de Mc 14,7 encontram-se precisamente no início do relato da paixão, na secção constituída por Mc 14,1-11, em que o evangelista coloca em paralelo a preparação da Páscoa dos dois campos contrapostos, o de Jesus e o de Satanás, o da luz e o das trevas: «Faltavam dois dias para a festa da Páscoa e dos Ázimos e os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam (imperfeito conativo e iterativo: exprime palavras, encontros, manobras múltiplas e insistentes para obter antes da Páscoa a morte do Messias-Filho) maneira de se apoderarem de Jesus à traição, para Lhe darem a morte. Mas diziam: “Durante a festa, não, para que não haja algum tumulto entre o povo» (Mc 14,1-2).

Esta é a preparação para a Páscoa por parte do campo das trevas, daqueles que decidiram recusar o Messias-Filho e militar à sombra do estandarte do príncipe das trevas.

Logo a seguir, em sinopse, Marcos apresenta a preparação pascal de Jesus e dos seus discípulos: «Jesus encontrava-Se em Betânia, em casa de Simão o leproso, e, estando à mesa, veio uma mulher que trazia um vaso de alabastro com perfume de nardo puro de alto preço. Partiu o vaso de alabastro e derramou-o sobre a cabeça de Jesus» (Mc 14,3).

A pertença a uma ou à outra fileira não é um dado adquirido de uma vez para sempre, mas continua sempre exposta de novo à dramática escolha da liberdade humana. De facto, um dos doze, Judas Iscariotes, manifesta com palavras insensatas a sua rejeição de Jesus, que serve de prelúdio à traição que virá a consumir daí a pouco: «Alguns (entre os quais, à luz de Jo 12,4-5, está muito provavelmente Judas Iscariotes) indignaram-se e diziam entre si: “Para que foi esse desperdício de perfume? Podia vender-se por mais de trezentos denários e dar o dinheiro aos pobres”. E censuravam a mulher com aspereza (sem falar abertamente, mas com olhares e murmurações)» (Mc 14,4-5).

É diante da cegueira voluntária em relação ao significado do gesto realizado pela mulher que Jesus intervém pronunciando as palavras que estão no centro desta meditação: «Mas Jesus disse: “Deixai-a. Porque estais a importuná-la? Ela fez uma boa ação para comigo. Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem; mas a Mim, nem sempre Me tereis.”» (Mc 14,6-7).

É impossível sobrevalorizar a importância da declaração de Jesus, consi-

derando o que vem a seguir: «Então (kái), Judas Iscariotes, um dos Doze, foi ter (o aoristo apélthen indica antes de mais o afastamento livre e voluntário de Jesus e do colégio dos Doze e, portanto, a igualmente livre adesão ao partido dos inimigos de Jesus; é muito precisa a Vulgata: “abiit ad summos sacerdotes” [“afastou-se em direção aos sumos sacerdotes”]) com os príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus. Quando o ouviram, alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele procurava uma oportunidade para entregar Jesus» (Mc 14,10-11).

A conjunção kái de Mc 14,10 não autoriza a afirmar categoricamente uma relação causal direta entre o que aconteceu e a decisão final de Judas de O trair. Todavia, a possibilidade, com base no axioma post hoc propter hoc ([o que vem] depois disto [foi] por causa disto), efetivamente não deve ser excluída. É o que considera São Beda Venerável: «Infelix Iudas damnum quod ex effusione unguenti fecisse credebat, vult Magistri pretio compensare – O infeliz Judas quer compensar a preço do Mestre o dano que, no seu entender, tinha sido causado pela efusão do unguento».

De acordo com Mt 26,15, fixaram a quantia de trinta moedas de prata, ou seja, trinta didracmas ou siclos do Templo, o preço estabelecido pela Torah pela vida de um escravo (Ex 21,32). Trinta didracmas do Templo equivaliam a 60 denários; portanto, Judas fica bem abaixo do preço do perfume: «O diabo promete-te tantas coisas, mas na hora de pagar paga mal, é um mau pagador. Mas tem esta capacidade de seduzir, de encantar...», lembrava o Papa Francisco na homilia da missa de Santa Marta, de 14 de setembro de 2015.

Além disso, no final da secção de Mc 14,1-11 nota-se uma trágica correspondência entre os pensamentos e as ações dos chefes, conforme a descrição de Mc 14,1 e a forma de pensar e de agir de Judas Iscariotes descrita em Mc 14,10: «Procuravam maneira de se apoderarem de Jesus à traição, para Lhe darem a morte... Judas Iscariotes, um dos Doze, foi ter com os príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus» (Mc 14,1.10).

É evidente que, no centro da cena inicial da paixão de Marcos (Mc 14,1-11), está o gesto da mulher que unge a cabeça de Jesus. As palavras e as ações de todos os outros personagens são polarizados por este gesto que, por isso mesmo, é crucial para perceber o sentido do que está a acontecer.

MEDITATIO

Detenhamo-nos, então, na ação realizada pela mulher. Em primeiro lugar, a ação manifesta o imenso amor e a devoção absoluta da mulher para com Jesus. Se, de facto, era costume ungir a cabeça dos comensais ilustres (Sl 23,5), isso era feito habitualmente com azeite, não certamente com perfume de nardo de trezentos denários, soma equivalente ao salário anual de um trabalhador. Diante do escândalo de alguns dos presentes, entre os quais estava provavelmente também o discípulo traidor, Jesus revela o valor profético do gesto em relação à sua paixão, morte e sepultura.

A referência à sepultura antecipada e ao evangelho inclui na profecia também e sobretudo o feliz anúncio da ressurreição: «Ela fez o que estava ao seu alcance: ungiu de antemão o meu corpo para a sepultura. Em verdade vos digo: Onde quer que se proclamar o Evangelho, pelo mundo inteiro, dir-se-á também em sua memória o que ela fez» (Mc 14,8-9).

A corajosa mulher de Betânia, que o próprio Jesus liga inseparavelmente à memória querigmática da sua morte e ressurreição, é a primeira entre os personagens positivos que constelam o caminho de Jesus para a cruz (o jovem vestido com um lençol cândido que timidamente tenta seguir Jesus no momento da sua prisão no Getsémani, a mulher de Pilatos, Simão de Cirene, as piedosas mulheres, o bom ladrão, Maria de Magdala, a Mãe de Jesus, o discípulo amado e as mulheres que estão aos pés da cruz, o centurião romano, José de Arimateia e Nicodemos).

Tal como outras figuras femininas dos evangelhos, à exceção da Sirofenícia de língua grega, que em Mc 7,24-30 demonstra nítidas capacidades dialéticas, é uma personagem silenciosa que confia toda a sua eloquência às opções que realiza: «Esta mulher anónima – talvez por isso destinada a representar todo o universo feminino que, no decurso dos séculos, não terá voz e sofrerá violências –, inaugura a significativa presença de mulheres que participam no momento culminante da vida de Cristo: a sua crucifixão, morte e sepultura e a sua aparição como Ressuscitado. As mulheres, tantas vezes discriminadas e mantidas ao largo dos postos de responsabilidade, nas páginas do Evangelho

são, pelo contrário, protagonistas na história da revelação» (Papa Francisco, *Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*, 14 de novembro de 2021, n. 1).

Jesus louva a sua simplicidade e a sua pureza de coração, que permitem que renuncie ao todo aparente para se voltar sem respeitos humanos para o todo verdadeiro, como a viúva que deita o óbolo no tesouro do templo (Mc 12,44: «ela, na sua pobreza, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver») e coloca em evidência o significado profético da sua ação, indicada como uma unção funerária antecipada, uma vez que Jesus ressuscitará antes de o seu corpo receber a unção judaica ritual: «Depois de passar o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungir Jesus. ... Mas, olhando, viram que a pedra fora já revolvida; e era muito grande» (Mc 16,1.4).

À luz destes elementos do contexto compreende-se mais claramente as palavras de Jesus: «Sempre tereis os pobres convosco» em Mc 14,7.

Enquanto Judas, unindo-se aos adversários de Jesus, coloca-se da parte das trevas, Jesus indica que, por sua vez, aquela mulher e os pobres por Ele evocados ficam associados a Ele no campo da luz: «Não é por acaso que esta crítica dura sai da boca do traidor: é a prova de que quantos não reconhecem os pobres atraíam o ensinamento de Jesus e não podem ser seus discípulos» (Papa Francisco, *Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*, 14 de novembro de 2021, n. 1).

No centro está o mistério de Jesus, Messias e Filho (Mc 1,1), o mistério da sua pessoa e do seu messianismo que se revela não de acordo com os critérios mundanos de glória e de poder mas no sacrifício e na oferta de Si até à cruz.

Os pobres revelam-se, assim, como o “lugar” privilegiado da revelação de Deus ao homem e sobre o homem: «Os pobres de qualquer condição e latitude evangelizam-nos, porque permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai... Os crentes, quando querem ver Jesus em pessoa e tocá-l’O com a mão, sabem aonde dirigir-se: os pobres são sacramento de Cristo, representam a sua pessoa e apontam para Ele» (Papa Francisco, *Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*, 14 de novembro de 2021, nn. 2-3).

ORATIO - CONTEMPLATIO

«Sempre tereis os pobres convosco» é uma declaração que abre a mente dos discípulos de todas as épocas para se darem conta de que o método de Jesus não mudará. Continuará a ser o método da encarnação, com as virtudes, as atitudes e as posturas a ela correspondentes: humildade, pobreza, oferta de Si mesmo, sacrifício.

O seu corpo oferecido na cruz será glorificado e já não poderá ser alcançado na sua realidade pré-pascal com gestos de atenção, de cuidado e de amor dos discípulos, mas continuará palpável nos corpos dos pobres, na carne da humanidade que precisa de cuidados e de salvação: «Jesus recorda-lhes que Ele é o primeiro pobre, o mais pobre entre os pobres, porque os representa a todos. E é também em nome dos pobres, das pessoas abandonadas, marginalizadas e discriminadas que o Filho de Deus aceita o gesto daquela mulher» (Papa Francisco, *Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*, 14 de novembro de 2021, n. 1).

Os testemunhos dos santos – pensemos especialmente em São Martinho de Tours, São Francisco de Assis, Santa Catarina de Sena, São Vicente de Paulo, São Camilo de Lellis, Santa Teresa de Calcutá, São Damião de Veuster, santo apóstolo dos leprosos, citado pelo Papa na sua mensagem no n. 3 – mostram-nos que, quando Jesus diz: «Sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem; mas a Mim, nem sempre Me tereis», não está a ameaçar que vai afastar-Se, mas está a preanunciar a sua passagem decisiva para a glória pascal.

A glória da Ressurreição nasce da humildade da encarnação e da humilhação da cruz. A glória do corpo ressuscitado do Messias-Filho revela-se a nós na verdade sacramental da Eucaristia e na verdade existencial dos membros sofredores da Igreja, seu corpo místico, e de cada criatura humana.

Num dos seus escritos líricos, Vigília Pascal de 1966, São João Paulo II exprime, com grande intensidade, o drama da procura do corpo de Cristo na história, unindo a contemplação da Páscoa de Cristo à meditação sobre o sentido da história polaca e universal: «Não separe os homens do Homem que Se fez Corpo da história deles: / o ser humano não será salvo pelas coisas, mas somente pelo Homem! / ... / Eu Te invoco e te procuro, Homem – em quem / a história humana pode encontrar o seu Corpo. / ... / Homem –

venho sempre até Ti – seguindo o delgado rio da história, / indo ao encontro de cada coração, ao encontro de cada pensamento / (história – uma multidão de pensamentos e morte dos corações). / Procuo por toda a história o Teu Corpo, / procuro a Tua profundidade» (cf. K. Wojtyła, “*Veglia Pasquale 1966*”, *Tutte le opere letterarie*. Poesie, drammi e scritti sul teatro, Bompiani, Milano 2001, pp. 207-209).

O Corpo de Jesus não poderá ser tocado e assistido na sua condição terrena, a não ser procurando-o nos corpos dos pobres, sempre conosco como manifestação terrena da sua condição gloriosa e, na pessoa deles mesmos, kairói da glória eterna do Filho de Deus:

«Quando o Filho do homem vier na sua glória com todos os seus Anjos, sentar-Se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão na sua presença e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: “Vinde, benditos de meu Pai; recebi como herança o reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e Me recolhastes; não tinha roupa e Me vestistes; estive doente e viestes visitar-Me; estava na prisão e fostes ver-Me”. Então os justos Lhe dirão: “Senhor, quando é que Te vimos com fome e Te demos de comer, ou com sede e Te demos de beber? Quando é que Te vimos peregrino e Te recolhemos, ou sem roupa e Te vestimos? Quando é que Te vimos doente ou na prisão e Te fomos ver?”. E o Rei lhes responderá: “Em verdade vos digo: Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes”» (Mt 25,31-40).

É acolhendo a vinda do Senhor nas circunstâncias de cada dia que nos orientamos para a sua Parusia, quando o tempo de cada homem e o da história na sua totalidade entrarem na eternidade de Deus.

No grandioso fresco do juízo universal na Capela Sistina, Miguel Ângelo Buonarroti representou Cristo Senhor e Juiz da história com as chagas do Crucifixo. O Rei e Senhor do universo carrega para sempre os sinais do seu amor por nós: «Coisa estranha e estupenda ter um Juiz crucificado por mim!» (G. Moioli).

Seremos julgados por Aquele que foi crucificado para nossa salvação, seremos julgados por Aquele que escolheu para Si mesmo a cruz, o lugar último

e ínfimo.

Que a Virgem Santa Maria, humilde serva, Mãe que acolheu o Verbo na anunciação, aos pés da cruz e na esperança da plenitude do Espírito Santo, nos ajude a percorrer o caminho da pobreza e da humildade do seu Filho, reconhecendo justamente na pobreza a “forma” a partir da qual se renova incessantemente e toma vigor a “reforma” à qual somos chamados a tender com todas as nossas forças, tanto a nível pessoal, como eclesial: «Tal como Cristo consumou a redenção na pobreza e na perseguição, também a Igreja, para comunicar aos homens os frutos da salvação, é chamada a seguir pelo mesmo caminho. Cristo Jesus “que era de condição divina... despojou-se de Si mesmo tomando a condição de servo” (Fl 2,6-7) e por nossa causa, “sendo rico, fez-se pobre” (2Cor 8,9): assim a Igreja, que certamente necessita de recursos humanos para cumprir a sua missão, não foi fundada para buscar as glórias terrenas, mas para pregar, também com o seu exemplo, a humildade e abnegação. Cristo foi enviado pelo Pai “para anunciar a Boa Nova aos pobres, para proclamar a libertação dos cativos” (Lc 4,18), “para procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10). De modo semelhante, a Igreja ama todos os angustiados pelo sofrimento humano; reconhece mesmo a imagem do seu Fundador, pobre e sofredor, nos pobres e nos que sofrem, esforça-se por lhes aliviar a indigência e neles deseja servir Cristo» (Concílio Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, n. 8).

Fazendo eco das palavras do Concílio, no início do seu ministério petrino, no dia 16 de março de 2013, explicando por que tinha escolhido o nome do pobre de Assis, o Papa exclamou: «Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!».

Do Salmo 40 (39)

Esperei no Senhor com toda a confiança,
e Ele atendeu-me.

Ouviu o meu clamor,
retirou-me do abismo e do lamaçal,
assentou os meus pés na rocha
e firmou os meus passos.

Pôs em meus lábios um cântico novo,
um hino de louvor ao nosso Deus.
Vendo isto, muitos hão de temer
e pôr a sua confiança no Senhor.

Feliz de quem pôs a sua confiança no Senhor
e não se voltou para os arrogantes,
para os que seguem a mentira.

Muitos e maravilhosos são os vossos prodígios sobre nós,
Senhor meu Deus.
Ninguém se Vos pode comparar.
Quisera anunciá-los e proclamá-los,
mas são tantos que não se podem contar.

Não Vos agradaram sacrifícios nem oblações,
mas abristes-me os ouvidos.
Não pedistes holocaustos nem expiações.

Então clamei: «Aqui estou!
De mim está escrito no livro da lei
que faça a vossa vontade.
Assim o quero, ó meu Deus,
a vossa lei está no meu coração».

Alegrem-se e exultem em Vós
todos os que Vos procuram.
Digam sempre: «Grande é o Senhor»,
os que desejam a vossa salvação.

Eu, porém, sou pobre e infeliz.
Senhor, cuidai de mim.
Sois o meu protetor e libertador:
ó meu Deus, não tardeis.

I COMENTÁRIO

«Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14,7)

O Papa Francisco escreve na abertura da *Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*: «Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14,7): estas palavras foram pronunciadas por Jesus, alguns dias antes da Páscoa, por ocasião duma refeição em Betânia na casa de Simão chamado “o leproso”. Como narra o evangelista, entrou lá uma mulher com um vaso de alabastro cheio de perfume muito precioso e derramou-o sobre a cabeça de Jesus. Este gesto suscitou grande estupefação e deu origem a duas interpretações diversas» (n. 1), que o próprio Papa ilustra. Antes de mais, indignação dos presentes: «Para que foi esse desperdício de perfume? Podia vender-se por mais de trezentos denários e dar o dinheiro aos pobres» (Mc 14,4-5). Por outro lado, temos a leitura de Jesus: «Deixai-a. Porque estais a importuná-la? Ela fez uma boa ação para comigo» (Mc 14,6). Depois acrescenta: «Na verdade, sempre tereis os pobres convosco – alusão a um passo da Torah (Dt 15,11: “Nunca faltarão pobres na terra”) – e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem; mas a Mim, nem sempre Me terei» (Mc 14,7). Enfim, como comenta ainda o Papa: «[Jesus] é o primeiro pobre, o mais pobre entre os pobres, porque os representa a todos» (*Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*, 14 de novembro de 2021, n. 1).

Mas antes de acolher outras pistas de meditação da Mensagem, sigamos a trama deste sugestivo relato evangélico, uma espécie de profecia colocada no início da paixão, que concluirá com a unção não realizada do corpo de Jesus por parte das mulheres discípulas, que encontrarão o sepulcro vazio (cf. Mc 16,1-4). Na última Páscoa terrena por Ele vivida, à noite Jesus deixa Jerusalém e o templo onde estava a ensinar, para Se retirar para Betânia, no Monte das Oliveiras (cf. Mc 11,11.19). Betânia, “casa do pobre”, é a aldeia onde residiam Lázaro, Marta e Maria, mas neste caso Jesus é hóspede de um certo Simão o leproso, um homem impuro a quem a Lei proibia até que se sentasse à mesa. Jesus encaminha-Se para a sua paixão tal como sempre viveu até esse momento, partilhando a sua vida com os pobres e os marginalizados.

Quando está à mesa conforme está prescrito para a festa da Páscoa, chega inesperadamente uma mulher. Sem falar, ela profetiza com um gesto muito eloquente, uma ação altamente simbólica. Tem consigo um pequeno vaso de alabastro com perfume, nardo caro e muito puro. Entra, aproxima-se de Je-

sus, parte o gargalo do pequeno vaso e derrama aquele perfume sobre a sua cabeça (cf. Mc 14,3). Por que razão o faz? Não sabemos. Compreendemos apenas que um gesto destes só pode ser feito por amor. A intuição profundamente feminina que nasce do amor impele-a a oferecer ao Rabi de Nazaré um sinal de afeto e de consolação, como que a dizer-Lhe: «Unjo-te com perfume para manifestar o meu desejo de que, depois da morte, o teu corpo não se corrompa». Perfume precioso derramado, tal como o corpo de Jesus será entregue e o seu sangue derramado. Naquela penumbra do fim do dia, aquela mulher anónima celebra o amor, profetizando que Jesus está para dar a vida amando «até ao fim» (Jo 13,1).

Em seguida, como se dizia, vem o escândalo por parte dos presentes, que se indignam com a mulher. Estes não conhecem o amor: não amam Jesus, mas sobretudo não sabem discernir n'Ele o pobre por excelência, que se encaminha para a sua paixão e morte. A interpretação dada por Jesus, em sentido contrário, e à qual já acenámos antes, consegue perceber no comportamento concreto da mulher «uma ação boa e bela» (kalòn érgon). Como dirá mais tarde o discípulo amado: «Meus filhos, não amemos com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade» (1Jo 3,18). Grande discernimento por parte desta mulher: «Ela fez o que estava ao seu alcance» (Mc 14,8); como a viúva pobre que, deitando duas moedas no tesouro do templo, tinha suscitado o comentário de Jesus: «Ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver» (Mc 12,44).

São particularmente eloquentes as palavras com que o Papa Francisco comenta o conjunto desta narração: «Esta forte “empatia” entre Jesus e a mulher e o modo como Ele interpreta a sua unção, em contraste com a visão escandalizada de Judas e doutros, inauguram um fecundo caminho de reflexão sobre o laço indivisível que existe entre Jesus, os pobres e o anúncio do Evangelho. Com efeito, o rosto de Deus que Ele revela é o de um Pai para os pobres e próximo dos pobres. Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto duma fatalidade, mas sinal concreto da sua presença no nosso meio. Não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-l'O na vida dos pobres, na sua tribulação e indigência, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver. Não me canso de repetir que os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a ser evangelizados e chamados a partilhar a bem-aventurança do Senhor e o seu Reino (cf. Mt 5,3)» (*Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*, 14 de novembro de 2021, n. 2).

Uma partilha recíproca: os pobres partilharam a bem-aventurança do

Senhor e o seu Reino, tal como Jesus partilha a sua mesma sorte (cf. *Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*, 14 de novembro de 2021, n. 3). E esta correspondência estende-se também a nós que meditamos aqui e agora o Evangelho: «Precisamos de aderir com plena convicção ao convite do Senhor: “Convertei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1,15). Esta conversão consiste, primeiro, em abrir o nosso coração para reconhecer as múltiplas expressões de pobreza e, depois, em manifestar o Reino de Deus através dum estilo de vida coerente com a fé que professamos. Com frequência, os pobres são considerados como pessoas aparte, como uma categoria que requer um serviço caritativo especial. Seguir Jesus comporta uma mudança de mentalidade a esse propósito, ou seja, acolher o desafio da partilha e da participação» (*Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*, 14 de novembro de 2021, n. 4).

Então, como aconteceu naquele fim de dia com a mulher de Betânia, poderemos verificar que o verdadeiro nome da pobreza é partilha, aquela “partilha” que “gera fraternidade” (*Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres*, 14 de novembro de 2021, n. 3). Aqui está o rosto concreto da fraternidade: a partilha fraterna, praticada nas formas e nas maneiras que, cada vez, vamos discernindo como bons. Leiam-se, a este propósito, os célebres “sumários” dos Atos dos Apóstolos (cf. At 2,42-45; 4,32-35; 5,12-16) onde, entre outras coisas, se atesta que, na comunidade cristã das origens, justamente devido à partilha dos bens «não havia qualquer necessitado» (At 4,34). O cristão é, portanto, um homem, uma mulher que se esforça por eliminar as situações de necessidade que fazem sofrer o seu irmão e a sua irmã: foi o que aconteceu nas variadas formas de partilha praticadas pelas comunidades primitivas, foi o que aconteceu ao longo de toda a história da Igreja, é o que deve acontecer também hoje. Que o exemplo da mulher Betânia e a prática constante de Jesus, o pobre por excelência, nos iluminem neste caminho.





LECTIO DIVINA

Segunda Proposta

«NUNCA FALTARÃO POBRES
NA TERRA...»

(Dt 15,11)

LECTIO

Dt 15,1-15

De sete em sete anos, cumprirás a lei do perdão das dívidas. Eis a explicação deste perdão: nenhum credor poderá exigir o empréstimo que tiver feito ao seu próximo. Não exercerá contra o seu próximo e contra o seu irmão violência alguma, quando for anunciada a remissão em honra do Senhor. Ao estrangeiro poderás exigir, mas quanto às dívidas do teu irmão farás a remissão.

Em verdade, não deve haver pobres entre vós, porque o Senhor te abençoará na terra que Ele próprio te há de dar em herança para a possuíres; mas só se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, para guardares e cumprires todos estes preceitos que eu hoje te ordeno. Então o Senhor, teu Deus, te abençoará como prometeu: poderás emprestar a muitos povos, mas não terás necessidade de pedir emprestado; dominarás muitos povos, mas eles não te dominarão.

Se houver junto de ti um indigente entre os teus irmãos, numa das tuas cidades, na terra que o Senhor, teu Deus, te há de dar, não endurecerás o teu coração e não fecharás a tua mão ao irmão necessitado. Abre-lhe a tua mão, empresta-lhe sob penhor, de acordo com a sua necessidade, aquilo que lhe faltar. Guarda-te de alimentar no teu coração um pensamento perverso, dizendo: «Está próximo o sétimo ano, o ano do perdão das dívidas», recusando-te sem piedade a socorrer o teu irmão necessitado. Ele clamaria ao Senhor contra ti, e aquilo tornar-se-ia para ti um pecado.

Deves dar-lhe, sem que o teu coração fique pesaroso; porque, em recompensa disso, o Senhor, teu Deus, te abençoará em todas as empresas das tuas mãos. Sem dúvida, nunca faltarão pobres na terra; por isso, eu te ordeno: «Abre generosamente a mão ao teu irmão, ao pobre e ao necessitado que estiver na tua terra».

Quando um dos teus irmãos hebreus, homem ou mulher, te for vendido, servir-te-á seis anos; mas no sétimo ano terás de o deixar sair da tua casa, restituindo-lhe a liberdade. E quando libertares do serviço esse escravo, não o despedirás de mãos vazias, mas dar-lhe-ás um presente do teu gado miúdo, do teu celeiro e do teu lagar; dar-lhe-ás uma parte dos bens com que o Senhor te houver favorecido. Recorda-te que foste escravo no país do Egito e que o Senhor, teu Deus, te libertou. Por isso, eu hoje te prescrevo este mandamento.

MEDITATIO

«Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14,7). Esta afirmação constitui uma promessa e, ao mesmo tempo, um aviso que o Senhor quis deixar na iminência da sua paixão, morte e ressurreição e que deve interpelar os seus discípulos em todos os tempos. Desde os alvares da sua história que a Igreja experienciou a verdade destas palavras. Já na primeira comunidade de Jerusalém é referida a presença de alguns irmãos indigentes, a cujas necessidades supriam os fiéis com melhores condições de vida que, guiados pelos apóstolos, partilhavam os seus bens (cf. At 2,45; 4,34-35). Também Paulo se prodigalizou em favor dos pobres da Igreja jerosolimitana, através da coleta por ele organizada entre as comunidades da Acaia e da Macedónia (cf. Rm 15,25-27; 2Cor 8,1; 9,1-15; Gl 2,10). Também o apóstolo Tiago exorta os destinatários da sua carta a demonstrar a sua fé cuidando dos mais indigentes (cf. Tg 2,5-6.14-17). A presença de irmãos mais pobres tem caracterizado a vida das comunidades cristãs de cada época; e, no nosso tempo, a pandemia evidenciou a atualidade das palavras de Jesus.

Estas soam como uma promessa, quando consideradas no contexto em que são pronunciadas. A todos os que censuram a mulher de Betânia por ter desperdiçado o precioso perfume para ungir a cabeça de Jesus, Ele recorda que os pobres permanecerão para sempre no âmbito da sua vida quotidiana, ao passo que a sua experiência terrena está para chegar ao fim (cf. Mc 14,7). A afirmação de Jesus não deve ser mal entendida, como se Ele estivesse a apresentar o serviço prestado a Ele como alternativo ao dos pobres. Pelo contrário, ao anunciar a contínua presença dos últimos também no tempo futuro, Jesus está a indicar que, quando não deixar de estar fisicamente presente no meio dos seus, eles poderão continuar a encontrá-l'O e a servi-l'O precisamente nos últimos. Juntamente com a Eucaristia, que Jesus instituirá uns dias depois do banquete de Betânia (Mc 14,12-26) e na qual Ele permanece presente para sempre na sua Igreja, os pobres são o lugar privilegiado do encontro com Ele. Por outro lado, não se pode amar o corpo eucarístico do Senhor, se não se honrar o seu corpo místico, a Igreja, sobretudo nos seus membros mais frágeis (cf. 1Cor 11,17-32). No bem realizado a favor dos últimos, os discípulos poderão manifestar o seu amor pelo Senhor, recordando a sua palavra: «Quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (Mt 25,40).

Estas palavras de Jesus, além de serem a promessa da sua futura presença entre os seus, representam para eles um sério aviso. Jesus não faz um comentário descritivo sobre o fenômeno da pobreza, diante do qual é preciso resignar-se, conscientes da impossibilidade de se fazer algo para melhorar a situação de necessidade em que os pobres estão. A afirmação de Jesus deveria ser, pelo contrário, um aguilhão constante para cada crente e para cada comunidade, chamados a lutar com todos os meios para superar qualquer forma de indigência que mortifica a vida humana. A confirmar que as palavras de Jesus não comportam qualquer passividade ou falta de empenho, está o seu background do Antigo Testamento, que pode ser procurado no mandamento de Dt 15,11: «Nunca faltarão pobres na terra; por isso, eu te ordeno: “Abre generosamente a mão ao teu irmão, ao pobre e ao necessitado que estiver na tua terra”». A advertência de Jesus constitui, por isso, um apelo à responsabilidade pelos pobres e não admite demoras o delegações.

O conteúdo da afirmação de Jesus em Mc 14,7 ganha ainda mais realce, se considerarmos o perfil de cada um dos personagens que aparecem no relato do banquete de Betânia (Mc 14,3-9). O centro da cena é, certamente, ocupado por Jesus, convidado para casa de um certo Simão o leproso. Dada a condição de marginalização social em que estavam condenados a viver os leprosos (cf. Lv 13,45-46), é pouco provável que esta doença ainda afetasse este homem, mas é possível que ele tivesse sido curado dela. Este breve aceno à identidade do dono de casa sugere a cura e a atenção de Jesus para com os últimos: com efeito, embora curado, um leproso iria ter muitas dificuldades para se reinserir na sociedade. Aceitando o convite para o banquete que Lhe foi dirigido por este homem, Jesus manifesta a sua proximidade para com ele. Ele sabe tornar-Se próximo dos pobres, porque Ele mesmo experimenta essa condição. A este respeito, é preciso não esquecer que o episódio de Betânia está inserido entre o relato das conspirações dos chefes contra Jesus, que procuram dolosamente levá-l’O à morte (Mc 14,1-2), e o da traição de Judas (Mc 14,10-11). Nesta moldura, Jesus é apresentado como Aquele que partilha a sorte de todos os que são vítimas da injustiça, da mentira e do abandono e que Se faz semelhante a eles, tornando-Se um sumo sacerdote misericordioso e fiel (Heb 2,17). Deste modo, de rico que era, Ele faz-Se pobre para enriquecer os homens por meio da sua pobreza (2Cor 8,9). Precisamente porque Jesus toma parte na sua condição, os pobres serão um prolongamento da sua presença no mundo mesmo depois da sua morte.

ORATIO - CONTEMPLATIO

Com a sua unção da cabeça de Jesus, a mulher anónima realiza uma ação que a torna próxima da situação de sofrimento que Jesus está para viver. Provavelmente, ela queria apenas realizar um simples ato de cortesia que era costume assegurar aos hóspedes de um banquete (cf. Sl 23,5; Lc 7,46). Mas, de acordo com a interpretação que Jesus dá do gesto, este acaba por ser uma profecia da morte e sepultura do Mestre (Mc 14,8). Neste sentido, a sua boa obra exprime uma atenção para com Jesus «pobre», precisamente no momento em que Ele está prestes a viver a sua paixão. Tal como Jesus entregará a sua vida na cruz, a mulher exprime esta proximidade num gesto de entrega. Ela aproxima-se de Jesus e espalha na sua cabeça azeite perfumado de puro nardo, que os presentes estimam que ascenda a um valor de trezentos denários, correspondente ao salário de trabalho de um ano. Como acontecia muitas vezes na antiguidade, unguentos tão preciosos eram conservados em contentores igualmente preciosos, como é o caso do vaso de alabastro de que fala o evangelista. Para ungir Jesus, a mulher parte este vaso. Trata-se de um pormenor que confere um caráter de totalidade à oferta da mulher: ela não pretende conservar nada do precioso unguento, mas «desperdiça» totalmente aquela preciosidade a favor de Jesus. Torna-se, por isso, evidente a generosidade do seu gesto, semelhante à magnanimidade da viúva louvada por Jesus diante do tesouro do templo, em que ela tinha deitado tudo o que tinha para viver (Mc 12,44). Tal como esta última, a mulher de Betânia está nos antípodas da atitude calculista das autoridades judaicas (Mc 14,1-2) e da avidez de Judas (Mc 14,10-11). Mesmo sem viver na pobreza, como sugere o facto de ter em sua posse um unguento tão precioso, ela sabe tornar-se próxima de Jesus com a sua generosidade. O seu gesto assume um alcance que supera a singularidade histórica do momento em que é realizado: onde quer que seja pregado o Evangelho, a sua boa obra será lembrada em sua memória (Mc 14,9). A atenção generosa aos pobres é continuação do anúncio evangélico inaugurado por Jesus: não é por acaso que, muitas vezes, o serviço dos últimos acaba por ser o testemunho mais eficaz que se possa dar do Evangelho. Todos os que amam o Senhor nos pobres tornam-se eles mesmos Boa

Nova, Evangelho vivo que cresce juntamente com todos os que o encarnam ao longo da história.

O gesto realizado pela mulher não é compreendido pelos presentes: o precioso unguento podia ser vendido e o seu valor distribuído como esmola. Aparentemente, a sua reclamação é legítima, tanto mais na iminência da festa da Páscoa, em que a piedade judaica recomendava particular generosidade para com os pobres (cf. Jo 13,27-29). Todavia, uma dupla consideração faz emergir a inoportunidade da sua atitude. Em primeiro lugar, eles falam dos pobres, mas, diversamente de Jesus e da mulher, não têm qualquer gesto de proximidade ou generosidade. Não serve de nada falar dos últimos se, depois, não estamos dispostos a agir concretamente e em primeira pessoa para aliviar a condição de indigência em que eles vivem. Não aquele que diz, mas aquele que faz a vontade do Pai entrará no Reino dos céus (cf. Mt 7,21). Além disso, o motivo da inadequação da censura indignada dos convivas é indicado pelo próprio Jesus (Mc 14,7): eles não se dão conta da trama mortal que se está a tecer à volta da vida de Jesus e, por isso, não sabem discernir o significado profético do gesto da mulher. A pobreza nunca é uma condição a procurar longe do quotidiano de cada um, nem os pobres são um conceito abstrato para servir de base à construção de complexas teorias assistenciais e pra ser lembrado de modo hipócrita apenas nas grandes ocasiões, sejam elas sociais ou religiosas. Pelo contrário, a atenção aos pobres parte da capacidade de se dar conta das necessidades dos irmãos e das irmãs com quem nos cruzamos habitualmente no dia a dia, parte de um olhar permanente para todos os que, muitas vezes com comovente dignidade, vivem sofrimentos que requerem compreensão, proximidade, afeto, oração.

Pobres...

Encontrámo-vos, em campos de refugiados em África, na América, na Ásia, mas também na Europa e na Oceânia.

Demos-vos um aperto de mão, nos nossos centros de escuta, nos hospitais e nos institutos, nas cantinas e nos armazéns.

Cruzámo-nos com os vossos olhares, nas prisões, nas periferias e no meio dos campos, férteis ou áridos, estêpicos ou desertos.

Sentimos o cheiro das lixeiras, das cidades de barracas, dos passeios, onde sois obrigados a viver. Direta ou indiretamente.

Pessoalmente ou através de testemunhos, de projetos das Igrejas locais, de pessoas, de comunidades.

Observámo-te, escutámo-te, sentimos o teu cheiro, tocámo-te e até sentimos o teu paladar, em tantos lugares e contextos. Com todos os nossos cinco sentidos. Em todos os cinco continentes.

Abraçámo-te, ó Senhor. Mas, muitas vezes, não te compreendemos, não fomos para lá das aparências.

Ajuda-nos a escavar as profundidades, a perceber o oxímoro da riqueza e da beleza da pobreza.

(Caritas.it)



II COMENTÁRIO

Pobres e ricos: precisando uns dos outros

O bem-estar e a abundância de bens são apresentados na Bíblia como sinais da bênção de Deus. Abraão era muito rico de gado, prata e ouro (Gn 13,2); Isaac fez uma sementeira e, nesse ano, colheu o cêntuplo. Com efeito, o Senhor tinha-o abençoado. Tornou-se rico e cresceu tanto em riqueza a ponto de se tornar riquíssimo (Gn 26,12-13); Jacob possuía inumeráveis bois, burros e rebanhos (Gn 32,6). Ao justo os salmistas prometem: haverá em sua casa abundância e riqueza (Sl 112,3); «comerás do trabalho das tuas mãos, serás feliz e tudo te correrá bem» (Sl 128,2). No final de uma época agrícola particularmente afortunada, um poeta canta a alegria do seu povo: «Encham-se os nossos celeiros dos mais abundantes frutos. Multipliquem-se as nossas ovelhas, aos milhares, nos nossos campos, venham carregados os nossos animais. Não haja brechas nem saídas em nossas muralhas, nem gemido algum em nossas praças. Feliz do povo que possui tais bens, feliz do povo de quem Deus é o Senhor» (Sl 144,12-15).

No entanto, nem sempre a abundância de bens é fruto da bênção do Senhor; pelo contrário, muitas vezes resulta de injustiças, burlas, violações de direitos dos mais frágeis, como denunciam os profetas: Vende-se o trigo diminuindo as medidas e aumentando o preço, usando balanças falsas, comprando os indigentes com dinheiro e o pobre por um par de sandálias (Am 8,5-6); arranca-se a pele do corpo dos miseráveis e a carne dos seus ossos (Mq 3,2).

Se, por um lado, há uma riqueza abençoada pelo Senhor – aquela que é fruto do trabalho honesto de cada um –, por outro lado, na Bíblia, a pobreza e a miséria nunca são uma bênção, são sempre consequência de desgraças, injustiças e, por vezes, também da preguiça, do ócio, do desregramento: «um pouco dormirás, outro pouco dormirás, outro pouco cruzarás as mãos para descansar, e a indigência virá sobre ti como um salteador, e a miséria, como um homem armado» (Pr 24,33-34).

A promessa de Deus a Israel, o povo que segue os seus caminhos, é que desaparecerão todas as condições de indigência: Não haverá pobres entre vós... desde que tu obedças fielmente à voz do Senhor, teu Deus (Dt 15,4-5). Mesmo assim, logo a seguir a esta promessa consoladora, o Senhor continua

a dizer: não faltarão pobres no país (Dt 15,11). Como conciliar estas duas afirmações?

Também no Novo Testamento encontramos esta aparente incongruência. Jesus afirmou: Sempre tereis pobres convosco. Mesmo assim, os pobres desapareceram da primeira comunidade cristã: Não havia entre eles qualquer necessitado, porque todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas e traziam o produto das vendas, que depunham aos pés dos Apóstolos, e distribuía-se então a cada um conforme a sua necessidade (At 4,34-35). Portanto, em Jerusalém, nasceu uma sociedade alternativa, alicerçada na partilha e no serviço do irmão, na qual ninguém é pobre. Pode parecer um paradoxo, mas esta comunidade é formada por pobres. Não por infelizes, que ficaram pobres por terem sido atingidos por desgraças ou calamidades, mas por pessoas que, movidas pelo Espírito de Cristo, fizeram a opção de ficar sem nada e de entregar tudo aos irmãos por amor. Estes são os pobres em espírito, os construtores do mundo novo, do Reino de Deus.

Há uma longa tradição da Igreja que identificou os pobres em espírito como aqueles que, mesmo continuando a possuir os seus bens, não ficam com o coração amarrado a eles, mas são generosos a dar esmolas a quem é menos beijado pela sorte. A esmola é um gesto louvável, mas é o sinal inequívoco de que, no mundo, ainda não foi acolhida a nova justiça; com efeito, a esmola pressupõe que, na terra, possa continuar a existir a acumulação da riqueza ao lado da pobreza. Em hebraico nem sequer existe o termo “esmola”; é chamada *tsedakáh*, que significa “justiça”. E, na Bíblia, nem se fala mesmo de esmola até aos livros de Tobias e de Ben-Sirá, os únicos em que é recomendada. Não é uma ajuda esporádica ao pobre – ajuda que, muitas vezes, serve para tranquilizar as consciências –, não é o gesto ocasional que introduz no mundo a nova relação nova entre as pessoas desejada por Deus. Jesus não exorta os seus discípulos a dar algo ao irmão que passa necessidade; deseja que entreguem tudo, a sua pessoa toda, a sua vida toda. Esta é a nova justiça.

A antiga justiça tinha como fundamento o princípio, aparentemente razoável, “a cada um a sua parte”. Mas este princípio assenta numa falsa premissa; deriva do pressuposto que alguma coisa pertença ao homem, quando, afinal, tudo é de Deus: Do Senhor é a terra e o que nela existe, o mundo e quantos nela habitam (Sl 24,1). Todos os adjetivos possessivos são uma men-

tira: nada é meu, nada é teu, nada é nosso, tudo é de Deus e tudo é por Ele oferecido gratuitamente. O homem não é dono de nada; a sua própria vida é uma oferta que recebeu. Que tens que não tenhas recebido? E se o recebeste, por que te gabas disso como não o tivesses recebido? (1Cor 4,7). O homem é apenas um administrador de bens que não são seus e, um dia, será chamado a prestar contas desta administração.

Deus fez-nos bem: uns a precisar dos outros. Se fôssemos autossuficientes, seríamos incapazes de amar, vergados sobre nós mesmos; não precisaríamos de ninguém, desinteressar-nos-íamos pelos outros. Mas para viver somos obrigados a encontrar-nos com o outro, a receber e a dar os bens que o Senhor colocou nas nossas mãos. Somos todos ricos destes dons e todos pobres, todos necessitados daquilo que só o irmão pode dar-nos. Foi por isso que Jesus disse: sempre tereis os pobres convosco. É esta permuta de dons que faz com que a vida seja possível.

Mas quais são os critérios para que esta permuta aconteça? Há muitas parábolas nos Evangelhos em que se contrapõem duas maneiras de gerir os bens, uma insensata (áphrón) e outra sábia (phronimós). A primeira é encarnada por aqueles que, esquecendo-se que são simples gestores de bens que pertencem a Deus, se consideram donos e acham que a permuta deve acontecer de acordo com as leis do mercado. Tiram da mente e do coração o pensamento de que tudo deriva da gratuidade de Deus e começam a perscrutar com avidez as necessidades do irmão. O seu objetivo é negociar e ficar a ganhar com a permuta. Por esse motivo, agradecem pelas necessidades, e mais ainda esperam que venham a crescer, de modo que possam aumentar o preço e enriquecer cada vez mais. Com efeito, não é o trabalho que permite enriquecer, mas o comércio.

É desta falsa relação com os bens, do instinto maligno que leva a apoderar-se desses bens e a acumulá-los que derivam todos os males: guerras, violências, desavenças, invejas e o mundo desumano que está ao alcance dos nossos olhos (1Tm 6,10) e que espera com ansiedade e implora pela redenção (Rm 8,19-25). Esta é a opção insensata de quem se ilude que pode alcançar a alegria acumulando bens, alcançando posições de prestígio, diplomas, reconhecimentos. Este poderá obter prazeres, mas não a alegria. A avidez de acumular cada vez mais leva à loucura, leva a pôr de lado o pensamento da

morte, leva a esquecer o momento da expropriação. Na alfândega da vida tudo o que não foi entregue aos destinatários – os necessitados – é exigido (Lc 12,13-21).

Qual é, então, a escolha sábia? Está escrito no “Tratado das bênçãos”, do Talmude babilónico que todo aquele que desfrutar de algo deste mundo sem ter recitado a bênção comete pecado de apropriação. No momento em que desfruta dos recursos do mundo, o homem deve reconhecer logo Aquele que lhe deu, o Dono, e dar graças. Sábio é quem toma consciência de que tudo é graça, gratuidade, dom, e se alegra por se sentir envolvido pela gratuidade de Deus. Esta é a verdade, a propriedade é mentira. A imagem evangélica do mundo é a da sala do banquete para a qual o Senhor convida cada um dos seus filhos a partir do momento em que o chama à vida. O homem é um comensal que se alegra com os irmãos pelos dons que o Pai colocou gratuitamente à disposição de todos. É por esta razão que – segundo a parábola de Jesus (Lc 14,15-24) – muitos recusam o convite, ficam fora da sala do banquete, não aceitam a lógica da gratuidade, preferem continuar a gerir os bens levados por anseios egoístas. Na versão de Mateus da parábola do banquete, também há alguém que aceita o convite, entra na sala do banquete, mas sem a veste nupcial (Mt 22,11-14), a veste usada pelo Esposo, Cristo, a veste do amor gratuito.

Representa quem se ilude de pertencer ao mundo novo, ao Reino de Deus, por cumprir algumas práticas religiosas devotas, por dar também alguma esmola, mas sem aceitar mudar de roupa, continuando a usar a veste pagã, a veste de quem prefere negociar os bens. É o convidado que não se comporta como convidado, mas como dono de casa. Este é posto fora, lançado para o mundo velho onde há pranto e ranger de dentes, lançado para o inferno, para o caos desse mundo onde reinam a competição, o arrivismo, a opressão, a exploração dos mais fracos. Aí pode-se vencer, mas mais cedo ou mais tarde acaba-se por ser oprimidos. Jesus exige o afastamento total desta gestão egoísta dos bens:



«Quem de entre vós não renunciar a todos os seus bens, não pode ser meu discípulo» (Lc 14,33); «Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os destroem e os ladrões os assaltam e roubam. Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não os destroem e os ladrões não os assaltam nem roubam. Porque onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração» (Mt 6,19-20). A um rico é difícil aceitar a proposta do amor gratuito, «é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus» (Mc 10,25).

Só uma força divina enviada pelo Céu pode vencer no homem o instinto maligno que o leva a vergar-se sobre os bens materiais e a açambarcá-los para si. Esta força é o Espírito de Cristo, é a vida divina que o homem recebeu como dom. É este Espírito que o instrui e o impele a entregar tudo por amor. Bem-aventurado é quem se torna pobre porque, movido pelo Espírito, entrega tudo ao irmão pobre. Pecado é renegar esta natureza de filhos de Deus; pecado é desumanizar-se, porque só somos plenamente homens quando nos deixamos envolver pelo amor gratuito e incondicional do Pai.



COMENTÁRIO TEOLÓGICO-PASTORAL

O excesso do amor

Em Betânia, que em hebraico significa “casa do pobre”, na atual El-Azariah, no sopé da costa oriental do Monte das Oliveiras, a cerca de três quilômetros de Jerusalém em direção a Jericó, o evangelista Marcos coloca o episódio da unção de Jesus. O gesto da mulher – anônima no evangelho de Marcos – assume as características de uma memorável profecia. O episódio situa-se no capítulo 14 do Evangelho, nas fronteiras com o drama da paixão de Jesus, quando a história da salvação atingirá o seu cume no furor da violência cruel que transformará o corpo do homem de Nazaré num mero objeto de sádicos tormentos. De um lado, bondade e excesso de amor, do outro crueldade e miséria, são os extremos que se entrelaçam na breve perícope de Marcos, cujo centro é ocupado pelas palavras de Jesus e pela sua referência à onnipresença dos pobres. O Mestre entra na casa de um pobre, a de Simão o leproso. A sua história é abertamente marcada pela doença que se tornou tão íntima dele a ponto de lhe valer o epíteto de “leproso”. Um homem que experimentou a miséria e o isolamento devido a uma enfermidade que torna impuros o corpo e a alma. A entrada de Jesus em Betânia é o sinal que desvela a eficácia da sua obra salvífica para a qual «não são os que têm saúde que precisam do médico, mas os que estão doentes» (Mc 2,17). Em casa, Jesus realiza um segundo gesto profético, o da comunhão à mesa. O seu significado compreende-se na prolepse que remete para a mesa da última ceia, onde se celebra o dom do corpo e do sangue que inauguram os tempos da nova e eterna aliança. Enquanto estava a jantar com os seus discípulos e Simão, improvisamente irrompe uma mulher. A sua chegada é descrita por Marcos como um golpe de teatro. Na mulher sobressai um pormenor precioso: traz na mão «um vaso de alabastro com perfume de nardo puro de alto preço» (Mc 14,3). O nardo parece reevocar a personificação da esposa no Cântico dos Cânticos (Ct 4,13) e, evidentemente, configura-se como anúncio da sepultura do Esposo que não renega o tálamo nupcial da morte redentora.

Que faz uma mulher num contexto como o que descreve Marcos, na inti-

midade da relação entre os discípulos e o Mestre? A sua presença inoportuna torna-se ainda maior com o gesto do despedaçamento do vaso de alabastro e com o derramamento do óleo na cabeça de Jesus. Os olhos de todos, quais faróis que iluminam a fuga de um ladrão, estão fixos nela. O coração dos convivas é assaltado por sentimentos de indignação e de cólera. A sua reação até parece justificada pelo raciocínio que se segue: «Para que foi esse desperdício de perfume? Podia vender-se por mais de trezentos denários e dar o dinheiro aos pobres!» (Mc 14,4-5). A lógica do discurso faz todo o sentido e este modo de pensar encontra consenso até mesmo em nós. Encegueiradas pelo brilho da filantropia, as comunidades dos crentes correm o risco de perder de vista o ponto central donde se deve partir: Jesus!

É preciso fazer inversão de marcha quando se constata que está a alastrar-se a sujeição à mentalidade de preencher os nossos vazios existenciais com boas obras para a saúde da alma. Levado ao extremo, este modo distorcido de as entender conduz a uma falsa interpretação de Deus. Chega-se a pensar que Ele é semelhante a um depósito rico onde se pode ir buscar aquilo que precisamos, evitando assim, a priori, a possibilidade de “beber do cálice” da sua vontade no Getsémani da nossa vida. Pensando que estão a fazer bem, na realidade, os convivas estão a acusar a sua indigência espiritual.

Fazer bem aos pobres é uma obra indispensável; ousaríamos dizer mesmo, é a obra pela qual seremos julgados por Deus. Sobre este assunto é sempre oportuno e atual fazer referência ao discurso escatológico do capítulo 25 de Mateus. Todavia, é forte a tentação de transformar estes gestos em obras filantrópicas e é um risco que pode apanhar muitas das nossas comunidades de fé. Com certa solicitude pastoral e com coragem apostólica, o Papa Francisco tem denunciado, várias vezes, o perigo de «transformar a Igreja numa associação espiritual. Uma multinacional para propor iniciativas e mensagens de conteúdo ético-religioso. Ela não é uma ONG, a Igreja é outra coisa». O symposium de Betânia denuncia o processo filantrópico que se propõe fazer bem, prescindindo de Deus. Não servem de nada as cantinas da Caritas, os centros de escuta, os pontos de luz e todas as iniciativas destinadas a promover a atenção aos necessitados, para obedecer ao mandamento do amor para com os pobres, se não partirmos da cruz do Evangelho que nos impele a ser

anunciadores de esperança e testemunhas da graça do amor de Cristo por nós e do nosso amor por Cristo: «Charitas Christi urget nos!» (2Cor 5,14). O amor de Cristo é a fonte de uma limpidez desmesurada e de uma preciosidade inestimável da qual tudo procede e na qual tudo se recapitula. Neste sentido, o gesto da mulher torna-se profecia de uma obra boa, a única que, na casa de Betânia, Jesus reconhece como tal. Ela impõe-se com força a todos os crentes.

A rotura daquele vaso de alabastro foi um desperdício que, no entanto, deve ser entendido na dinâmica do excesso de amor. Marcos está atento ao mais pequeno detalhe e dá-nos a nós, leitores, a possibilidade de quantificar o montante do “desperdício”. O nardo consumido valia mais de trezentos denários, ou seja, o equivalente a um salário anual de um trabalhador. O evangelista evidencia uma vez mais a extravagante generosidade da mulher, uma vez que um denário era a paga diária de um trabalhador (cf. Mt 20,2).

O coração do discurso de Jesus que elogia a boa ação da mulher, protegendo-a do crescente ódio dos convivas, revela-se numa afirmação lapidar que abre caminho a diferentes interpretações: «Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem; mas a Mim, nem sempre Me tereis» (Mc 14,7). Não significa de todo que Jesus não se interesse pela praga social da pobreza, não raciocina como alguém desencarnado. Sobre este aspeto é útil sublinhar o princípio dogmático da encarnação de Cristo que nos leva a considerar na justa medida a sua existência terrena como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Por isso mesmo, é errado pensar que o problema da pobreza fosse estranho ao coração do Mestre, como se o considerasse como um apêndice da sua pregação. O evangelho anunciado por Jesus olha para miseráveis como seus principais pontos de referência. Com efeito, o seu messianismo realiza-se na identificação plena com o servo sofredor anunciado pelos profetas e no facto de, em tudo, ter assumido a miséria humana, à exceção do pecado (cf. Fl 2,7-8). Aquilo que revela o sentido correto da afirmação de Jesus sobre a omnipresença dos pobres é o gesto da mulher.

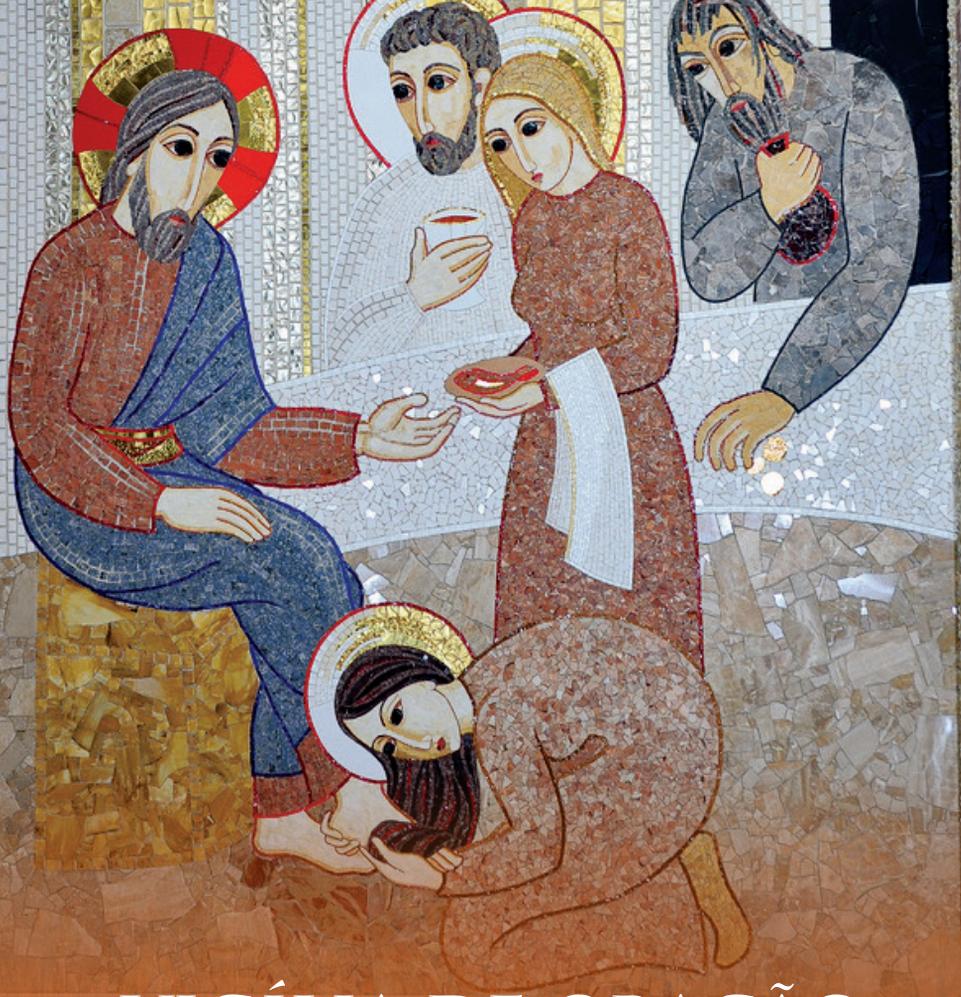
A sua ação “escandalosa” constitui a ocasião útil para nos levar a refletir sobre as prioridades que animam os nossos “apetites divinos” e sobre as mo-

tivações que nos levam a fazer o bem, com Deus ou sem O ter em conta. Descobrimos, sem grande admiração, que não são os pobres o coração do Evangelho e que a Igreja não se torna credível pela atenção mais ou menos visível que dispensa aos necessitados.

É possível fazer o bem sem acreditar em Deus; é possível ajudar os miseráveis sem o Evangelho pregado por Jesus. Há pessoas não crentes que conseguem matar a fome aos famintos melhor do que quem acredita; há ateus que dão mais do nós. O próprio Jesus cita nesta perícopa evangélica um passo do Deuteronomio em que se evidencia que a terra nunca deixará de gerar pobres. Esta citação veterotestamentária traz luz a uma prática anterior ao seu ministério. A realidade concreta impunha que se adotasse um sistema de doações, amplo e atentamente regulado, que incluía a obrigação do dízimo e numerosas oportunidades de caridade pessoal (cf. Dt 15,11).

Onde fundamentar a especificidade da caridade cristã? Sem dúvida, no amor de Cristo que é capaz de “cristificar” cada obra para que se torne uma boa obra, como a que a mulher realizou para com Jesus. Nunca hão de faltar as ocasiões para servir os pobres, mas poderiam escassear as oportunidades de os servir a partir do amor de Deus que tem como defeito o excesso desmesurado. Para quem vive no tempo da ausência de Jesus, é daqui que deriva a certeza de não ter de estar a braços com a alternativa “Cristo ou os pobres”, porque se descobre a beleza da possibilidade de servir Cristo nos pobres e os pobres em Cristo. A identificação dos pobres em Jesus é a verdadeira resposta aos dramas da história que, em cada época, relê a desumanização dos necessitados transfigurada na glorificação que o Pai realizou na obediência do Filho. A Igreja continua a estar sempre empenhada numa permanente reforma de si mesma e num lento processo de purificação das ideias que a levem a superar as formas de estéril assistencialismo que enfraquecem a sua peregrinação em direção à apropriação da categoria do Reino de Deus.

A Igreja dos pobres é o seio do amor excessivo de Cristo pela humanidade, simbolicamente anunciado pela profecia da unção da mulher na casa de Betânia. Aí foi celebrada a unção do Emanuel, Deus connosco, cuja presença é visível nos rostos daqueles pobres que “sempre estarão connosco”.



VIGÍLIA DE ORAÇÃO

«SEMPRE TEREIS POBRES ENTRE VÓS»

(Mc 14,7)

Introdução

Estar conscientes da presença dos pobres: uma tarefa de todos os dias que se realiza tanto estando próximos das pessoas que passam dificuldades, como lembrando-nos delas diante do Senhor.

Esta vigília de oração não é um momento “una tantum”, ou seja, uma celebração que se faz uma vez por ano, porque de certa forma as circunstâncias o pedem, mas deveria tornar-se uma expressão orante de toda a ação que, todos os dias, uma comunidade empreende a favor das pessoas necessitadas. Por conseguinte, o convite à vigília dirige-se a todas as pessoas de boa vontade e a todas as comunidades, paróquias ou famílias religiosas que se dedicam, de diferentes maneiras, a ajudar os pobres no corpo e no espírito.

A vigília, concebida desta maneira, sublinha que a origem da nossa ação constante a favor dos pobres, bem como a meta de todos os nossos esforços a seu favor, se encontra em Deus, que inspira o nosso coração a dedicar-se ao nosso próximo. Ver num pobre não apenas uma vítima ou um desgraçado, mas sobretudo um ser humano, em quem está impressa a imagem do próprio Deus, distingue a abordagem cristã de outras, na medida em que o encontro com uma pessoa necessitada é encontrar-nos com Deus em pessoa.

No primeiro momento, o trecho-guia do Evangelho de Marcos interpela o nosso coração para verificar se somos capazes de reconhecer a presença constante do próprio Deus na silenciosa existência dos pobres. É uma interrogação que vem do Evangelho: eu, num necessitado vejo um pobre-desgraçado ou reconheço a presença de Deus vivo que Se encontra nele?

O segundo momento articula-se à volta do trecho da Segunda Carta aos Coríntios (8,1-15) e coloca-nos frente a frente com Senhor que Se faz pobre por nós, para nos enriquecer. O estilo do agir de Jesus Cristo deveria inspirar também as nossas ações.

Recordamos que os textos selecionados neste subsídio são apenas pro-

postas. A pessoa responsável pela organização da vigília deveria adaptar a celebração às exigências particulares de uma comunidade específica (paróquia, capela de hospital, convento, etc.).

Poderia escolher-se cânticos para cada momento; já para aprofundar os temas recorrentes nos textos bíblicos, poderia preparar-se outra meditação, ou então escolher alguns testemunhos, de acordo com as exigências e as possibilidades da comunidade que celebra a vigília. Antes da bênção final, poderia pensar-se noutra oração de intercessão, recitada pelo próprio sacerdote ou pelos fiéis e dedicada às várias situações em que os pobres vivem.

A escolha dos textos bíblicos também poderia ser modificada, conforme o discernimento de quem organiza a vigília. A título de exemplo: Lc 16,19-31 (parábola de Lázaro e do rico); seria possível preparar um momento inspirado na vida de um santo ou então de uma pessoa que se distingue pelo seu serviço aos pobres e pelo seu testemunho de vida cristã.

A vigília poderia desenrolar-se com o Santíssimo Sacramento exposto.

Quem preside expõe o Santíssimo Sacramento conforme o ritual. Segue-se um cântico e umas palavras de introdução, que podem ser como aqui se propõe:

O Dia Mundial dos Pobres é uma ocasião para agradecer ao Senhor pelas oportunidades que nos deu de O encontrarmos nos pobres e pelo bem que pudemos realizar, mas também um momento de síntese para refletir sobre o que fizemos ao longo do último ano. Este Dia dos Pobres torna-se também uma questão que nos interpela sobre a forma como olhamos para a constante presença dos pobres. Para nós, os pobres são desgraçados, maltratados pela sorte? Ou conseguimos ver neles a presença de Deus vivo que vem ao nosso encontro?

Com estas questões queremos dar início à nossa reflexão sobre as palavras de Jesus: «Sempre tereis pobres entre vós».

Canta-se um cântico.

PRIMEIRO MOMENTO

Ver e encontrar Jesus nos pobres

Escutemos a Palavra de Deus, do Evangelho segundo São Marcos (14,3-9)

«Jesus encontrava-Se em Betânia, em casa de Simão o leproso, e, estando à mesa, veio uma mulher que trazia um vaso de alabastro com perfume de nardo puro de alto preço. Partiu o vaso de alabastro e derramou-o sobre a cabeça de Jesus. Alguns indignaram-se e diziam entre si: “Para que foi esse desperdício de perfume? Podia vender-se por mais de trezentos denários e dar o dinheiro aos pobres”. E censuravam a mulher com aspereza.

Mas Jesus disse: “Deixai-a. Porque estais a importuná-la? Ela fez uma boa ação para comigo. Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes bem; mas a Mim, nem sempre Me tereis. Ela fez o que estava ao seu alcance: ungiu de antemão o meu corpo para a sepultura. Em verdade vos digo: Onde quer que se proclamar o Evangelho, pelo mundo inteiro, dir-se-á também em sua memória o que ela fez”».

Seria oportuno uma das pessoas presentes dar o seu testemunho sobre o serviço que presta aos pobres, sublinhando o aspeto espiritual de tal ação. Se não houver possibilidade de um testemunho de algum participante, poderia utilizar-se testemunhos já contidos em vários livros ou então que podemos encontrar na internet.

Em alternativa, propomos os seguintes textos para uma reflexão comunitária.

Da Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial dos Pobres de 2021

A interpretação do texto do Evangelho que acabámos de escutar é dada pelo próprio Jesus e permite individuar o sentido profundo do gesto realizado pela mulher. Diz Ele: «Deixai-a. Porque estais a atormentá-la? Praticou em Mim uma boa ação» (Mc 14,6). Jesus sabe que está próxima a sua morte e vê, naquele gesto, a antecipação da unção do seu corpo sem vida antes de ser colocado no sepulcro. Esta visão ultrapassa todas as expectativas dos convivas. Jesus recorda-lhes que Ele é o primeiro pobre, o mais pobre entre os pobres,

porque os representa a todos. E é também em nome dos pobres, das pessoas abandonadas, marginalizadas e discriminadas que o Filho de Deus aceita o gesto daquela mulher. Esta, com a sua sensibilidade feminina, demonstra ser a única que compreendeu o estado de espírito do Senhor. (...)

Esta forte «empatia» entre Jesus e a mulher e o modo como Ele interpreta a sua unção, em contraste com a visão escandalizada de Judas e doutros, inauguram um fecundo caminho de reflexão sobre o laço indivisível que existe entre Jesus, os pobres e o anúncio do Evangelho.

Com efeito, o rosto de Deus que Ele revela é o de um Pai para os pobres e próximo dos pobres. Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto duma fatalidade, mas sinal concreto da sua presença no nosso meio. Não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-l'O na vida dos pobres, na sua tribulação e indignação, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver. Não me canso de repetir que os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a ser evangelizados e chamados a partilhar a bem-aventurança do Senhor e o seu Reino (cf. Mt 5,3).

Os *pobres* de qualquer condição e latitude evangelizam-nos, porque permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai».

Bruno Ferrero

A velhinha que esperava por Deus

Era uma vez uma senhora idosa que passava muitas horas do seu dia em piedosa oração. Um dia ouviu a voz de Deus que lhe dizia: “Hoje vou fazer-te uma visita”. Imaginem a alegria e o orgulho da velhinha. Começou a varrer e a limpar o pó, a amassar e a meter doces ao forno. Depois, vestiu a sua roupa mais bonita e pôs-se à espera que Deus chegasse. Passado pouco tempo, alguém bateu à porta. A velhinha correu para abrir. Mas era só a sua vizinha que queria pedir um bocadinho de sal. A velhinha mandou-a embora: “Por amor de Deus, vá já embora; não tenho nenhum tempo para estas estupidezes! Estou à espera de Deus, que vem a minha casa! Vá-se embora!”. E bateu com a porta na cara da mortificada vizinha. Algum tempo depois, bateram de novo. A velhinha viu-se ao espelho, arranjou-se e correu para abrir a porta.

Mas quem era? Um rapaz maltrapilho com um casaco demasiado largo que vendia botões e sabonetes de dois tostões. A velhinha desatou a dizer: “Estou à espera do bom Deus. Não tenho mesmo tempo. Volta cá depois outra vez!”. E fechou a porta no nariz do pobre rapaz. Pouco depois bateram de novo à porta. A velhinha abriu e viu-se diante de um velho esfarrapado e em más condições. “Um bocadinho de pão, minha senhora; nem que seja recesso... E se me podia deixar descansar um bocadinho aqui nas escadas de sua casa...”, implorou o pobre. «Ah, não! Deixem-me em paz! Estou à espera de Deus! E fique bem longe das minhas escadas!» disse a velhinha zangada. O pobre lá foi embora, a coxear, e a velhinha mais uma vez se dispôs a esperar por Deus. O dia lá foi passando, uma hora depois da outra. Caiu a noite e Deus não tinha aparecido. A velhinha estava profundamente desiludida. Por fim, lá se de decidiu a ir para a cama. Estranhamente adormeceu logo e começou a sonhar. O bom Deus apareceu-lhe em sonho e disse-lhe: “Hoje vim visitar-te três vezes e, por três vezes, não me recebeste”.

Depois de um momento de silêncio para reflexão pessoal, poderia cantar-se um cântico.

Em seguida, recita-se esta oração:

Bendita és tu, ó Virgem Maria, modelo de caridade e de amor materno para todos os que procuram consolação.

Bendita és tu, porque associaste cada um de nós ao sofrimento redentor de Cristo Crucificado e nos chamaste a servir quem sofre.

Bendita és tu, porque nos ensinas a amar os pobres, os humildes, os pecadores, da mesma forma como Deus os ama. Maria, Imaculada Mãe de Deus e dos homens, escuta a oração dos doentes, acolhe as nossas invocações, dá ao mundo Jesus, nossa verdadeira paz.

(S. João Paulo II)

SEGUNDO MOMENTO

Tornar-se ricos em Cristo

Escutemos a Palavra de Deus, da Segunda Carta do Apóstolo São Paulo aos Coríntios (8,7.9.13-15)

«Irmãos, já que sobressaís em tudo – na fé, na eloquência, na ciência, em toda a espécie de atenções e na caridade, que vos ensinámos – deveis também sobressair nesta obra de generosidade.

Conheceis a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo: Ele, que era rico, fez-Se pobre por vossa causa, para vos enriquecer com a sua pobreza. Não se trata de vos sobrecarregar para aliviar os outros, mas sim de procurar a igualdade. Nas circunstâncias presentes, aliviad com a vossa abundância a sua indigência, para que, um dia, eles aliviem a vossa indigência com a sua abundância. E assim haverá igualdade, como está escrito: “A quem tinha colhido muito não sobrou, e a quem tinha colhido pouco não faltou”».

No fim da leitura bíblica, poderia dar-se a palavra a outro testemunho, talvez de alguma pessoa que encontrou Deus na dificuldade. Se não houver possibilidade de um testemunho de algum participante, poderia utilizar-se testemunhos já contidos em vários livros ou então que podemos encontrar na internet.

Em alternativa, propomos os seguintes textos para uma reflexão comunitária.

Do Sermão 36, de Santo Agostinho, Bispo

Jesus, «sendo rico, fez-Se pobre»: assumiu a pobreza, mas sem perder a sua riqueza. Interiormente era rico, exteriormente pobre. Deus oculto na sua riqueza, homem visível na pobreza. Olha as suas riquezas: «No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava, no princípio, junto de Deus. Por meio dela todas as coisas surgiram» (Jo 1,1-3). Há alguém mais do que Aquele que fez todas as coisas? O rico pode ter dinheiro, mas não pode criá-lo. Mesmo que lhe fosse pedido para ser guardião de todas estas riquezas, considera a sua pobreza: «O Verbo fez-Se carne e habitou entre nós». Fomos enriquecidos com a sua pobreza: graças ao sangue que jorrou da sua carne, porque o Verbo Se fez carne para habitar no meio de

nós. Graças ao seu sangue despojámo-nos das vestes da iniquidade para nos revestirmos com a estola da imortalidade.

Da Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2014

«O Apóstolo escreve aos cristãos de Corinto encorajando-os a serem generosos na ajuda aos fiéis de Jerusalém que passam necessidade. A nós, cristãos de hoje, que nos dizem estas palavras de São Paulo? Que nos diz, hoje, a nós, o convite à pobreza, a uma vida pobre em sentido evangélico?

Tais palavras dizem-nos, antes de mais nada, qual é o estilo de Deus. Deus não Se revela através dos meios do poder e da riqueza do mundo, mas com os da fragilidade e da pobreza: “sendo rico, Se fez pobre por vós”. Cristo, o Filho eterno de Deus, igual ao Pai em poder e glória, fez-Se pobre; desceu ao nosso meio, aproximou-Se de cada um de nós; despojou-Se, “esvaziou-Se”, para Se tornar em tudo semelhante a nós (cf. Fl 2,7; Heb 4,15). A encarnação de Deus é um grande mistério. Mas, a razão de tudo isso é o amor divino: um amor que é graça, generosidade, desejo de proximidade, não hesitando em doar-Se e sacrificar-Se pelas suas amadas criaturas. A caridade, o amor é partilhar, em tudo, a sorte do amado. O amor torna semelhante, cria igualdade, abate os muros e as distâncias. Foi o que Deus fez connosco. Na realidade, Jesus “trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado” (Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 22).

A finalidade de Jesus Se fazer pobre não foi a pobreza em si mesma, mas – como diz São Paulo – “para vos enriquecer com a sua pobreza”. Não se trata dum jogo de palavras, duma frase sensacional. Pelo contrário, é uma síntese da lógica de Deus: a lógica do amor, a lógica da Encarnação e da Cruz. Deus não fez cair do alto a salvação sobre nós, como a esmola de quem dá parte do próprio supérfluo com piedade filantrópica. Não é assim o amor de Cristo! Quando Jesus desce às águas do Jordão e pede a João Baptista para O batizar, não o faz porque tem necessidade de penitência, de conversão; mas fá-lo para se colocar no meio do povo necessitado de perdão, no meio de nós pecado-

res, e carregar sobre Si o peso dos nossos pecados. Este foi o caminho que Ele escolheu para nos consolar, salvar, libertar da nossa miséria. Faz impressão ouvir o Apóstolo dizer que fomos libertados, não por meio da riqueza de Cristo, mas por meio da sua pobreza. (...)

Em que consiste então esta pobreza com a qual Jesus nos liberta e torna ricos? É precisamente o seu modo de nos amar, o seu aproximar-Se de nós como fez o Bom Samaritano com o homem abandonado meio morto na beirada da estrada (cf. Lc 10,25-37). Aquilo que nos dá verdadeira liberdade, verdadeira salvação e verdadeira felicidade é o seu amor de compaixão, de ternura e de partilha. A pobreza de Cristo, que nos enriquece, é Ele fazer-Se carne, tomar sobre Si as nossas fraquezas, os nossos pecados, comunicando-nos a misericórdia infinita de Deus. A pobreza de Cristo é a maior riqueza: Jesus é rico de confiança ilimitada em Deus Pai, confiando-Se a Ele em todo o momento, procurando sempre e apenas a sua vontade e a sua glória. É rico como o é uma criança que se sente amada e ama os seus pais, não duvidando um momento sequer do seu amor e da sua ternura. A riqueza de Jesus é Ele ser o Filho: a sua relação única com o Pai é a prerrogativa soberana deste Messias pobre. Quando Jesus nos convida a tomar sobre nós o seu “jugo suave” (cf. Mt 11,30), convida-nos a enriquecer-nos com esta sua “rica pobreza” e “pobre riqueza”, a partilhar com Ele o seu Espírito filial e fraterno, a tornar-nos filhos no Filho, irmãos no Irmão Primogénito (cf. Rm 8,29)».

Depois de um momento de silêncio para reflexão pessoal, poderia cantar-se um cântico.

Em seguida, recita-se esta oração:

Senhor, ensina-nos a não nos amarmos a nós mesmos, a não amarmos apenas aqueles de quem gostamos, a não amarmos apenas aqueles que nos amam. Ensina-nos a pensar nos outros e a amar, antes de mais, aqueles que ninguém ama.

Senhor, dá-nos a graça de compreender que, em cada minuto da

vida feliz e protegida que vivemos, há milhões de seres humanos, que também são teus filhos e nossos irmãos, que morrem à fome e ao frio, sem o terem merecido.

Senhor, tem piedade de todos os pobres do mundo. Senhor, não continues a permitir que sejamos os únicos a viver felizes. Faz-nos sentir a angústia da miséria universal e liberta-nos do nosso egoísmo.

(Raoul Follereau)

O presidente da vigília resume a mensagem por palavras suas, sublinhando, por um lado, o tema recorrente e, por outro, o serviço que os presentes desempenham a favor dos pobres. Poderia inserir-se aqui uma oração comunitária de intercessão, recitada pelo próprio presidente da celebração ou então pelos fiéis, e dedicada às variadas situações em que vivem os pobres.

Ao concluir a vigília todos os presentes renovam o seu compromisso de servir os necessitados de acordo com a vontade de Deus.

O presidente introduz com estas palavras ou outras semelhantes:

Caros irmãos e irmãs, renovemos agora o nosso compromisso de nos dedicarmos com maior consciência e generosidade ao serviço dos necessitados. Digamos juntos:

De pé, todos recitam uma das seguintes orações:

Senhor, torna-nos dignos de servir os nossos irmãos em todo o mundo onde vivem e morrem na pobreza e à fome.

Dá-lhes, hoje, através das nossas mãos, o seu pão de cada dia e, através do nosso amor inclusivo, dá-lhes a paz e a alegria. Amém.

(S. Paolo VI)

Caro Jesus, ajuda-me a espalhar a tua fragrância onde quer que eu vá. Inunda a minha alma com o teu Espírito e a tua vida.

Penetra e possui todo o meu ser tão completamente que a minha vida não seja senão um reflexo luminoso da tua.

Brilha através de mim e fica tão presente em mim, que cada alma com quem entro em contacto experimente a tua presença na minha alma. Levantando os olhos, não mais me vejam, mas apenas Jesus! Fica comigo, e então começarei a brilhar como brilhas Tu; brilhar para ser luz para os outros. A luz, ó Jesus, virá toda de Ti; nada dela será meu. Serás Tu a brilhar sobre os outros através de mim.

Faz com que, assim, eu Te louve da maneira que mais gostas: fazendo brilhar a tua luz sobre aqueles que estão à minha volta.

Faz com que Te anuncie sem pregar, não com palavras, mas com o exemplo, com uma força que arrasta, com a influência benévola do que faço, com a plenitude palpável do amor que o meu coração tem por Ti. Amém.

(S. John Henry Newman)

Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe,
é perdoadando que se é perdoado.
e é morrendo que se vive para a vida eterna. Amém!

(Oração erroneamente atribuída a São Francisco de Assis)

O presidente termina a vigília com a bênção do Santíssimo Sacramento conforme o ritual.

ORAÇÃO DO PAI NOSSO

O presidente:

Irmãos e irmãs, as palavras do Senhor recordam-nos que, ao nosso lado, se encontram sempre as pessoas necessitadas, com quem devemos partilhar reciprocamente o pão nosso de cada dia. Para nunca nos esquecermos da sua presença, invoquemos Deus e digamos juntos:

*Pai Nosso, que estais nos céus,
santificado seja o Vosso nome,
venha a nós o vosso reino,
seja feita a Vossa vontade
assim na Terra como no Céu.*

*O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal. Amém.*

Oração

O presidente:

Oremos. **Ó** Deus, Pai dos órfãos e das viúvas, refúgio para os estrangeiros, justiça dos oprimidos, sustentai a esperança do pobre que confia no vosso amor, para que nunca falte a liberdade e o pão que Vós providenciais, e para que todos aprendamos a dar a exemplo d'Aquele que Se ofereceu a Si mesmo, Jesus Cristo Nosso Senhor. Ele que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. **Amém.**

Bênção

O presidente, com as mãos estendidas sobre a assembleia, diz:

Deus, nosso Pai, a vossa misericórdia é sem limites! Amparai estes vossos filhos para que, guiados pela vossa Palavra, nunca se afastem do caminho do amor que passa através dos corações dos irmãos marcados pela necessidade e pelo sofrimento. O teu Espírito lhes dê força, coragem e constância para reconhecer a tua presença em todos os que passam necessidades. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**

A bênção de Deus Todo-Poderoso,
Pai, Filho ✠ e Espírito Santo,
desça sobre vós e convosco permaneça para sempre. **Amém.**

P. Bendigamos o Senhor.

R. Graças a Deus.

Ou é possível prosseguir com a Exposição do Santíssimo Sacramento.

EXPOSIÇÃO DA SANTÍSSIMA EUCARISTIA E ADORAÇÃO

Enquanto se expõe o Santíssimo Sacramento canta-se este cântico (ou outro adequado).

Adoro te devote

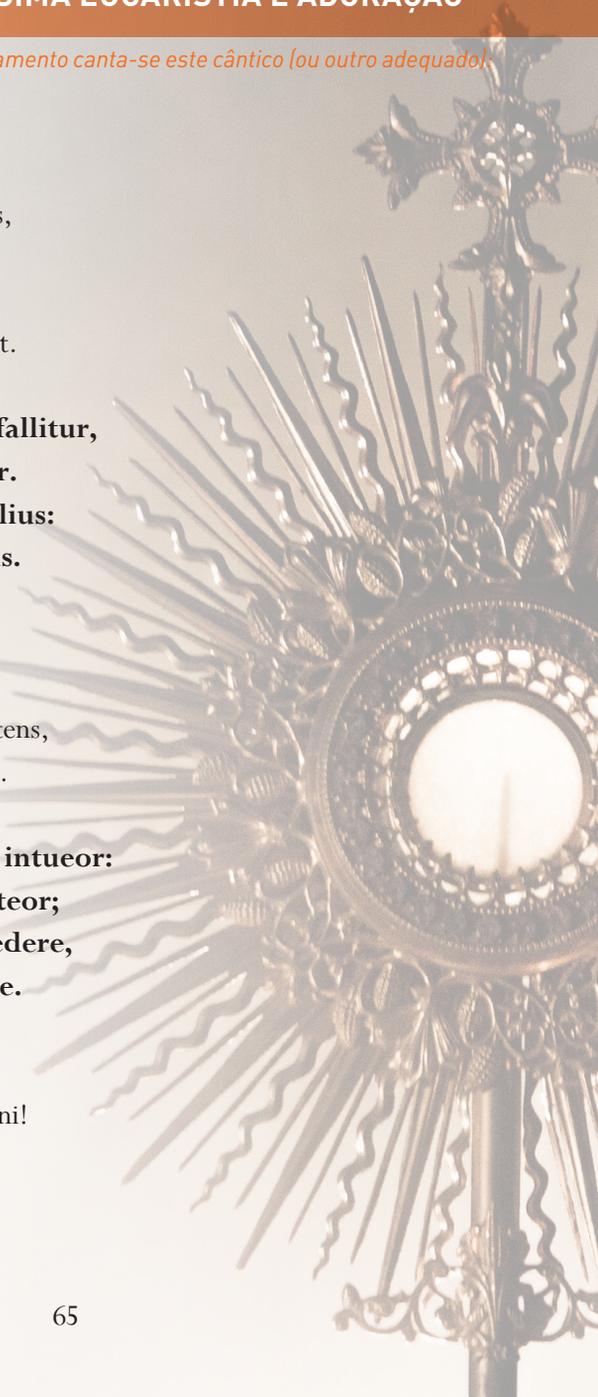
1. Adoro te devote, latens Deitas,
quae sub his figuris vere latitas:
tibi se cor meum totum subiicit,
quia te contemplans totum deficit.

2. **Visus, tactus, gustus in te fallitur,
sed auditu solo tuto creditur.**
**Credo quidquid dixit Dei Filius:
nil hoc verbo Veritatis verius.**

3. In Cruce latebat sola Deitas,
at hic latet simul et humanitas:
ambo tamen credens atque confitens,
peto quod petivit latro poenitens.

4. **Plagas, sicut Thomas, non intueor:**
Deum tamen meum te confiteor;
fac me tibi semper magis credere,
in te spem habere, te diligere.

5. O memoriale mortis Domini!
Panis vivus vitam praestans homini!
Praesta meae menti de te vivere,
et te illi semper dulce sapere.



6. Pie pellicane, Iesu Domine!

**Me immundum munda tuo Sanguine:
cuius una stilla salvum facere
totum mundum quit ab omni scelere.**

7. Iesu, quem velatum nunc aspicio,
oro fiat illud quod tam sitio:
ut te revelata cernens facie,
visu sim beatus tuae gloriae. Amen.

Silêncio para a adoração e oração pessoal.

ORAÇÃO LITÂNICA

Verdadeiro Deus e verdadeiro homem, realmente presente neste Santo Sacramento,

Nós Vos adoramos, Senhor!

Nosso Salvador, Deus-connosco, fiel e rico de misericórdia,

Nós Vos adoramos, Senhor!

Rei e Senhor da criação e da história,

Nós Vos adoramos, Senhor!

Vencedor do pecado e da morte,

Nós Vos adoramos, Senhor!

Amigo do homem, ressuscitado que viveis à direita do Pai,

Nós Vos adoramos, Senhor!

Filho unigénito do Pai, descido do céu para nossa salvação,

Cremos em Vós, Senhor!

Médico celestial, que Vos inclinai sobre a nossa miséria,

Cremos em Vós, Senhor!

Cordeiro imolado, que Vos ofereceis para nos redimir do mal,

Cremos em Vós, Senhor!

Bom Pastor, que dais a vida pelo rebanho que amais,

Cremos em Vós, Senhor!

Pão vivo e remédio de imortalidade, que nos dais a vida eterna,

Cremos em Vós, Senhor!

Do poder de Satanás e das seduções do mundo,

Livrai-nos, Senhor!

Do orgulho e da presunção de poder viver sem Vós,

Livrai-nos, Senhor!

Das insídias do medo e da angústia,

Livrai-nos, Senhor!

Da incredulidade e do desespero,

Livrai-nos, Senhor!

Da dureza de coração e da incapacidade de amar,

Livrai-nos, Senhor!

De todos os males que afligem a humanidade,

Salvai-nos, Senhor!

Da fome, da carestia e do egoísmo,

Salvai-nos, Senhor!

Das doenças, das epidemias e do medo do irmão,

Salvai-nos, Senhor!

Da loucura devastadora, dos interesses sem piedade e da violência,

Salvai-nos, Senhor!

Dos enganos, da má informação e da manipulação das consciências,

Salvai-nos, Senhor!

Olhai para a vossa Igreja, que atravessa o deserto,

Consolai-nos, Senhor!

Olhai para a humanidade, aterrorizada pelo medo e pela angústia,

Consolai-nos, Senhor!

Olhai para os doentes e os moribundos, oprimidos pela solidão,

Consolai-nos, Senhor!

Olhai para os médicos e para os agentes de saúde, esgotados pelo cansaço,

Consolai-nos, Senhor!

Olhai para os políticos e para os administradores, que carregam o peso das escolhas,

Consolai-nos, Senhor!

No momento da provação e da falta de sentido,

Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito!

Na tentação e na fragilidade,

Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito!

No combate contra o mal e contra o pecado,

Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito!

Na procura do verdadeiro bem e da verdadeira alegria,

Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito!

Na decisão de permanecer em Vós e na vossa amizade,

Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito!

Se o pecado nos oprimir,

Abri-nos, Senhor, à esperança!

Se o ódio nos fechar o coração,

Abri-nos, Senhor, à esperança!

Se a dor nos visitar,

Abri-nos, Senhor, à esperança!

Se a indiferença nos angustiar,

Abri-nos, Senhor, à esperança!

Se a morte nos aniquilar,

Abri-nos, Senhor, à esperança!

Depois de um cântico eucarístico, faz-se uma breve pausa de silêncio para oração pessoal.

BENDIÇÃO EUCARÍSTICA

Tantum ergo

1. Tantum ergo sacramentum
veneremur cernui,
et antiquum documentum
novo cedat ritui;
praestet fides supplementum
sensum defectui.

2. **Genitori Genitoque
Laus et iubilatio,
salus, honor, virtus quoque
sit et benedictio;
procedenti ab utroque
compar sit laudatio. Amen.**

Oração

O presidente:

Oremos.

Senhor Jesus Cristo, que neste admirável sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão, concedei-nos a graça de venerar de tal modo os mistérios do vosso Corpo e Sangue, que sintamos continuamente os frutos da vossa redenção. Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.

R/. Amém.

O presidente dá a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Aclamações

O coro entoa e a assembleia repete:

- 1. Bendito seja Deus.**
- 2. Bendito o seu santo Nome.**
- 3. Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.**
- 4. Bendito o Nome de Jesus.**
- 5. Bendito o seu Sacratíssimo Coração.**
- 6. Bendito o seu Preciosíssimo Sangue.**
- 7. Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar**
- 8. Bendito o Espírito Santo Paráclito.**
- 9. Bendita a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima.**
- 10. Bendita a sua santa e Imaculada Conceição.**
- 11. Bendita a sua gloriosa Assunção.**
- 12. Bendito o Nome de Maria, Virgem e Mãe.**
- 13. Bendito São José, seu castíssimo Esposo.**
- 14. Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos. Amém.**

Enquanto se repõe o Santíssimo Sacramento no sacrário, canta-se o cântico:

Cântico de reposição (Salmo 117)

1. Laudate Dominum, omnes gentes;
laudate eum, omnes populi.

2. **Quoniam confirmata est
super nos misericordia eius,
et veritas Domini
manet in aeternum.**

3. Gloria Patri et Filio,
et Spiritui Sancto.

4. **Sicut erat in principio,
et nunc, et semper,
et in saecula saeculorum. Amen.**

ANTIFONA MARIANA

Salve, Regina

Salve, Regina,
Mater misericordiae,
vita, dulcedo et spes nostra, salve.
Ad te clamamus, exsules filii Hevae.
Ad te suspiramus gementes et flentes
in hac lacrimarum valle.
Eia ergo, advocata nostra,
illos tuos misericordes
oculos ad nos converte.
Et Iesum,
benedictum fructum ventris tui,
nobis, post hoc exilium, ostende.
O clemens, o pia,
o dulcis Virgo Maria!

O presidente:

Rogai por nós Santa Maria Mãe de Deus.

R/. Para que sejamos dignos de alcançar as promessas e graças de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.



O ROSÁRIO DOS POBRES

SEMPRE TEREIS POBRES ENTRE VÓS

Como se reza o Rosário?

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém.

P. Deus, vinde em nosso auxílio.

T. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.

P. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

T. Como era no princípio, agora e sempre pelos séculos dos séculos. Amém.

No início de cada dezena, anuncia-se o "mistério", por exemplo, no primeiro mistério contemplamos: "A anunciação do Anjo a Nossa Senhora".

Depois de uma breve pausa de reflexão, rezam-se:

Um Pai Nosso, dez Ave-Maria e um Glória ao Pai.

Em cada dezena do Terço pode acrescentar-se uma invocação e uma oração; nesta proposta de Rosário, são tiradas da Novena a Nossa Senhora dos Pobres de Banneux (Bélgica). No fim do Rosário, rezam-se as Ladainhas ou outras orações marianas.

Introdução

Da Mensagem do Papa Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres (n. 4)

«Precisamos de aderir com plena convicção ao convite do Senhor: “Convertei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1,15). Esta conversão consiste, primeiro, em abrir o nosso coração para reconhecer as múltiplas expressões de pobreza e, depois, em manifestar o Reino de Deus através dum estilo de vida coerente com a fé que professamos».

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

T. Amém.

P. Deus, vinde em nosso auxílio.

T. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.

P. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

T. Como era no princípio, agora e sempre pelos séculos dos séculos. Amém.

PRIMEIRO MISTÉRIO

Sois Vós, Senhor, o meu único bem

«Tu dizes: “Sou rico, tenho fortuna e não preciso de nada”, e não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu» (Ap 3,17).

Escutemos a Palavra de Deus, do Livro dos Provérbios (30,7-9)

«Duas coisas Vos peço, Senhor, não mas negueis antes de eu morrer: Afastai de mim a fraude e a mentira; não me deis pobreza nem riqueza, concedei-me apenas o alimento necessário. Porque na abundância eu poderia reneugar-Vos, dizendo: “Afinal, quem é o Senhor?”, e na miséria poderia roubar e assim profanar o nome do meu Deus».

Da Mensagem do Papa Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres (n. 2)

«O rosto de Deus que Ele revela é o de um Pai para os pobres e próximo dos pobres. Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto duma fatalidade, mas sinal concreto da sua presença no nosso meio. Não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-l’O na vida dos pobres, na sua tribulação e indignação, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver. Não me canso de repetir que os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a ser evangelizados e chamados a partilhar a bem-aventurança do Senhor e o seu Reino (cf. Mt 5, 3)».

Pai Nosso, 10 Ave-Maria, Glória...

Ó Maria, Mãe dos Pobres, Rogai por nós.

P. Oremos. Virgem dos Pobres, acompanhai-nos até Jesus, única fonte de graça, e ensinai-nos a ser dóceis ao Espírito Santo, para que se ateie o fogo de amor que Ele veio trazer à terra para o advento do seu Reino. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**

Ou: Virgem Maria, luz de quem caminha na escuridão, amparai os passos daqueles que são explorados e mortificados na sua dignidade, para que vivam na certeza de que Deus não é indiferente à sorte dos seus filhos. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**

SEGUNDO MISTÉRIO

Eu Vos procuro, Senhor, minha esperança

«Procurai o Senhor, vós todos os humildes da terra, que obedecéis aos seus mandamentos. Procurai a justiça, procurai a humildade; talvez encontréis proteção no dia da ira do Senhor» (*Sof 2,3*).

Escutemos a Palavra de Deus, do Livro de Ben-Sira (4,1-4.8)

«Filho, não negues ao pobre a tua esmola, nem desvies os olhos do in-

digente. Não desprezes aquele que tem fome, nem irrites o pobre na sua necessidade. Não atormentes o coração do infeliz, nem recuses o auxílio ao atribulado. Não rejeites a súplica do aflito, nem voltes as costas ao humilde. Dá ouvidos ao pobre de boa vontade, cumpre para com ele o teu dever e responde-lhe com serena afabilidade».

Da Mensagem do Papa Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres (n. 3)

«Jesus não só está do lado dos pobres, mas também partilha com eles a mesma sorte. Isto constitui também um forte ensinamento para os seus discípulos de todos os tempos. As suas palavras – “sempre tereis pobres entre vós” – pretendem indicar também isto: a sua presença no meio de nós é constante, mas não deve induzir àquela habituação que se torna indiferença, mas empenhar numa partilha de vida que não prevê delegações. Os pobres não são pessoas “externas” à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes ser devolvida a dignidade perdida e garantida a necessária inclusão social».

Pai Nosso, 10 Ave-María, Glória...

Ó Maria, Mãe dos Pobres, Rogai por nós.

P. Oremos. Virgem dos Pobres, vós que dissestes: «Acreditai em mim, eu acreditarei em vós», nós vos agradecemos por nos dardes a vossa confiança. Tornai-nos capazes de fazer opções de acordo com o Evangelho; ajudai-nos a gerir a nossa liberdade no serviço recíproco e no amor de Cristo para glória do Pai. **Amém.**

Ou: Virgem Maria, amparo dos que esperam em vós, guardai no vosso coração todos os que se veem obrigados a deixar a sua terra, para que encontrem acolhimento na solidariedade dos irmãos. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**

TERCEIRO MISTÉRIO

Levantai-me, Senhor, não me abandoneis

«Levanta do pó o indigente e tira o pobre da miséria, para o fazer sentar com os grandes, com os grandes do seu povo» (*Sal 113,7-8*).

Escutemos a Palavra de Deus, do Livro do Profeta Isaías (14,30.32)

«Os abandonados do meu povo serão apascentados como ovelhas, e os pobres sentir-se-ão seguros. O Senhor fundou Sião e nela encontrarão refúgio os humilhados do seu povo».

Da Mensagem do Papa Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres (n. 9)

«Não podemos ficar à espera que batam à nossa porta; é urgente ir ter com eles às suas casas, aos hospitais e casas de assistência, à estrada e aos cantos escuros onde, por vezes, se escondem, aos centros de refúgio e de acolhimento... É importante compreender como se sentem, o que estão a passar e quais os desejos que têm no coração. [...] Os pobres estão no meio de nós. Como seria evangélico, se pudéssemos dizer com toda a verdade: também nós somos pobres, porque só assim conseguiríamos realmente reconhecê-los e fazê-los tornar-se parte da nossa vida e instrumento de salvação».

Pai Nosso, 10 Ave-Maria, Glória...

Ó Maria, Mãe dos Pobres, Rogai por nós.

P. Oremos. Virgem dos Pobres, salvai as nações: dai-nos a graça de ser liderados por governantes sábios e que todos os povos estejam em paz uns com os outros, formando um só rebanho guiado pelo único Pastor, Jesus Cristo nosso Senhor. **Amém.**

Ou: Virgem Maria, consoladora dos doentes e dos que perderam a confiança, cuidai dos que, hoje, vivem na precariedade e na marginalidade, para que, confiando sempre na fidelidade do Senhor, possam reabrir o coração à esperança. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**

QUARTO MISTÉRIO

Fazei de mim, Senhor, testemunha da alegria do Evangelho

«O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos humildes, a curar os corações atribulados, a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros» (Is 61,1).

Escutemos a Palavra de Deus, do Evangelho segundo São Lucas (6,20-23)

«Bem-aventurados vós, os pobres, porque é vosso o reino de Deus. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem e insultarem e proscreverem o vosso nome como infame, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos e exultai nesse dia, porque é grande no Céu a vossa recompensa».

Del Mensaje del Papa Francisco para la V Jornada Mundial de los Pobres (n. 2)

«Os *pobres* de qualquer condição e latitude evangelizam-nos, porque permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai. Eles “têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 198)».

Pai Nosso, 10 Ave-María, Glória...

Ó Maria, Mãe dos Pobres, Rogai por nós.

P. Oremos. Virgem dos Pobres, confortai os doentes com a vossa presença; ensinai-nos a levar, com Jesus, a nossa cruz de cada dia e fazei que nos empenhemos lealmente ao serviço dos pobres e dos que sofrem. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**

Ou: Virgem Maria, de coração aberto e pronto para acolher os famintos e todos os que têm fome e sede de justiça, nós vos apresentamos os nossos irmãos que são explorados e humilhados: tornai-nos atentos às suas necessidades e disponíveis para caminhar com eles. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**

QUINTO MISTÉRIO

Senhor, dá-me a graça de viver em comunhão contigo e com os meus irmãos

«A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma; ninguém considerava seu o que lhe pertencia, mas tudo entre eles era comum. Os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus com grande poder e gozavam todos de muita simpatia. Não havia entre eles qualquer necessitado, porque todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas e traziam o produto das vendas, que depunham aos pés dos Apóstolos, e distribuía-se então a cada um conforme a sua necessidade» (At 4, 32-35).

Escutemos a Palavra de Deus, do Evangelho segundo São Mateus (25,34-36)

«Vinde, benditos de meu Pai; recebi como herança o reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e Me recolhestes; não tinha roupa e Me vestistes; estive doente e viestes visitar-Me; estava na prisão e fostes ver-Me».

Da Mensagem do Papa Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres (n. 3)

«Sabemos que um gesto de beneficência pressupõe um benfeitor e um beneficiado, enquanto a partilha gera fraternidade. A esmola é ocasional, ao passo que a partilha é duradoura. A primeira corre o risco de gratificar quem a dá e humilhar quem a recebe, enquanto a segunda reforça a solidariedade

e cria as premissas necessárias para se alcançar a justiça. Enfim os crentes, quando querem ver Jesus em pessoa e tocá-l'O com a mão, sabem aonde dirigir-se: os pobres são sacramento de Cristo, representam a sua pessoa e apontam para Ele».

Pai Nosso, 10 Ave-María, Glória...

Ó Maria, Mãe dos Pobres, Rogai por nós.

P. Oremos. Virgem dos Pobres, nós acreditamos em vós e, confiando na vossa intercessão materna, abandonamo-nos à vossa proteção. A vós confiamos o caminho que a Igreja está a percorrer neste terceiro milénio, o crescimento moral e espiritual dos jovens, as vocações religiosas, sacerdotais, missionárias e a obra da nova evangelização. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**

Ou: Virgem Maria, seio que acolhe quem vive na solidão e no abandono, não permitais que nenhum dos vossos filhos sofra a falta de calor humano e de amizade, mas todos encontrem irmãos disponíveis para os acolher e para lhes oferecer uma palavra amiga. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**

Salve Rainha

Salve, Rainha, Mãe de misericórdia,
vida, doçura, e esperança nossa, salve.
A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva.
a Vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas.
Eia, pois, Advogada nossa,
esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei.
E depois deste desterro nos mostrai Jesus,
bendito fruto do vosso ventre.
Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!

Ladainha evangélica (Mt 5,1-12)

Maria, Mãe dos pobres em espírito, **nós vos pedimos, ouvi-nos!**

Maria, Mãe dos aflitos,	nós vos pedimos, ouvi-nos!
Maria, Mãe dos humildes,	nós vos pedimos, ouvi-nos!
Maria, Mãe dos que têm fome e sede de justiça,	nós vos pedimos, ouvi-nos!
Maria, Mãe dos misericordiosos,	nós vos pedimos, ouvi-nos!
Maria, Mãe dos puros de coração,	nós vos pedimos, ouvi-nos!
Maria, Mãe dos que promovem a paz,	nós vos pedimos, ouvi-nos!
Maria, Mãe dos perseguidos,	nós vos pedimos, ouvi-nos!

P. Oremos. Senhor Jesus, nosso irmão, nós vos pedimos pelos pobres, pelos doentes, pelos idosos, pelos excluídos. Pelos que têm fome e não têm pão, mas também pelos que têm pão e não têm fome. Pelos que se veem ultrapassados por todos, pelos explorados, pelos alcoólicos, pelas prostitutas. Pelos que estão sozinhos, pelos que estão cansados.

Livrai os crentes, Senhor, de pensarem que um gesto de caridade é suficiente para sarar tantos sofrimentos.

Sempre teremos os pobres connosco: São o sinal da nossa pobreza de videntes, símbolo das nossas desilusões, pedaço dos nossos desesperos.

Sempre os teremos connosco, ou melhor, sempre os teremos dentro de nós. Concedei, Senhor, ao vosso povo a caminho a honra de ver quem ficou parado pelo caminho e de estar pronto para lhe dar a mão para colocar esse irmão de novo em viagem na certeza de que quem espera em Vós não ficará desiludido.

Amém.

(don Tonino Bello, Palavras de amor)

Ou: Ó Deus, nosso Pai misericordioso, hoje em dia muitos dos nossos irmãos são abandonados pelas suas famílias e pela sociedade. Não é por falta de pão, mas por falta de amor que são abandonados e expostos ao perigo e à morte.

¡Perdoai-nos, ó Pai!

Nós Vos suplicamos que sejamos capazes de amar sinceramente os pobres que não têm sequer a força de mendigar o alimento, que sejamos misericor-

diosos como Vós, Senhor, rico de misericórdia. Tornai-nos capazes de amar aqueles que estão abandonados e crucificados, os numerosos Cristos deste mundo, para que aprendamos a amar não com palavras, mas com as obras e em verdade.

Convertei-nos, ó Pai!

Estendemos as nossas mãos para Vós e para os nossos irmãos pobres, ao mesmo tempo que partilhamos o nosso pão com os famintos, levamos alívio aos aflitos e aos enfermos, acolhemos os sem abrigo nas nossas casas, vestimos os nus, procuramos estar próximos dos pobres, tocamos e cuidamos das suas feridas, a mesma carne ferida de Jesus redentor. Só assim serão curadas as nossas feridas, as das famílias e das sociedades.

Escutai-nos, ó Pai!

Estamos a sofrer grandes provações e dores por causa da pandemia. Arrependendo-nos das nossas vidas passadas, reconhecendo que somos uma só humanidade, que não nos salvamos sozinhos, que ninguém se salva a si mesmo, mas só amando a Vós e aos pobres é possível edificar o vosso reino nesta terra.

Salvai-nos, ó Pai!

Desejamos viver no amor do vosso Filho, Jesus, que derramou o seu precioso sangue na cruz, até à última gora, para nos arrancar do sofrimento e da morte eterna, para transformar este nosso mundo numa casa acolhedora onde ninguém é abandonado, um mundo em que todos possam amar a Vós e ao próximo como a si mesmos.

Amai-nos, ó Pai! Amém.

Ladainha de Maria, Mãe dos Pobres

Senhor, tende piedade de nós.

Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.
Jesus Cristo, atendei-nos.
Pai celeste que sois Deus,
Filho, Redentor do mundo,
que sois Deus,
Espírito Santo, que sois Deus,
Santíssima Trindade,
que sois um só Deus,

Santa Maria,
Santa Mãe de Deus,
Santa Virgem das virgens,
Filha do Povo de Deus,
Virgem de Nazaré,
Eleita entre as mulheres,
Virgem simples de coração,
Esposa de São José operário,
Rainha da família,
Mulher do nosso Povo,
Esperança dos oprimidos,
Confiança dos mais pobres,
Virgem, Mãe de Cristo,
Virgem, Mãe da Igreja,
Virgem, Mãe dos homens,
Mãe que nos conheceis,
Mãe que nos escutais,
Mãe que nos compreendeis,
Virgem, filha do homem,
Filha de um povo peregrino,
Presença viva na história,
Mãe que conheceis a dor,
Mãe aos pés da cruz,
Mãe para os que sofrem,

**Jesus Cristo, ouvi-nos.
Jesus Cristo, atendei-nos.
tende piedade de nós.**

**tende piedade de nós.
tende piedade de nós.**

tende piedade de nós.

**guiai o nosso caminho!
iluminai o nosso caminho!
dai-nos o vosso Filho!
guiai o nosso caminho!
iluminai o nosso caminho!
dai-nos o vosso Filho!
guiai o nosso caminho!
iluminai o nosso caminho!
dai-nos o vosso Filho!
guiai o nosso caminho!
iluminai o nosso caminho!
dai-nos o vosso Filho!
guiai o nosso caminho!
iluminai o nosso caminho!
dai-nos o vosso Filho!
guiai o nosso caminho!
iluminai o nosso caminho!
dai-nos o vosso Filho!
guiai o nosso caminho!
iluminai o nosso caminho!
dai-nos o vosso Filho!**

Senhora da alegria,
Virgem luminosa,
Rainha da paz,

**guiai o nosso caminho!
iluminai o nosso caminho!
dai-nos o vosso Filho!**

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,
perdoai-nos, Senhor.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,
ouvi-nos, Senhor.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós.

P. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.

R. Para que sejamos dignos de alcançar as graças e promessas de nosso Senhor Jesus Cristo.

P. Oremos. Pai bom, dai-nos a graça de glorificar com Maria a vossa bondade infinita e de gozar sempre da sua proteção, porque nela nos destes uma rainha clemente para com os pecadores e misericordiosa para com os pobres. Por Cristo nosso Senhor. **Amém.**





**ORAÇÃO INSPIRADA
NÁ MENSAGEM
DO PAPA FRANCISCO
PARA O V DIA MUNDIAL
DOS POBRES**

«SEMPRE TEREIS POBRES ENTRE VÓS»

(Mc 14,7)

Senhor Jesus Cristo, Vós sois o primeiro pobre, o mais pobre dos pobres, porque os representais a todos. O rosto de Deus que nos revelais é o de um Pai para os pobres e próximo dos pobres. Toda a vossa obra afirma que a pobreza é sinal concreto da vossa presença no meio de nós. Os pobres que temos connosco são vosso sacramento.

Vós nos pedis para Vos reconhecermos na sua vida, deixando-nos evangelizar através deles, para que possamos redescobrir a solidariedade e a partilha.

Ensinai-nos a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles.

Vós nos chamais a abrir o nosso coração para reconhecer as múltiplas expressões de pobreza, manifestando o vosso Reino através dum estilo de vida coerente com a fé que professamos. Se não reconhecermos os pobres, traiçamos o vosso ensinamento e não podemos ser vossos discípulos.



Espírito Santo, amor do Pai e do Filho derramado nos nossos corações, Vós suscitais em nós atenção de amor pela pessoa do pobre, criando em nós o desejo de procurar efetivamente o seu bem. Vós nos impelis a ir ao encontro dos pobres no lugar onde se encontram, a abraçá-los com ternura.

Dai-nos a humildade de reconhecermos que também nós somos pobres, porque só assim conseguiremos realmente reconhecê-los e fazê-los tornar-se parte da nossa vida e instrumento de salvação.

Iluminai e fortalecei os membros dos governos e das instituições mundiais, para que sintam a responsabilidade de construir um mundo melhor alicerçado na justiça.

São Damião de Veuster, apóstolo dos leprosos, rogai pelos numerosos homens e mulheres, que na atual pandemia de coronavírus participam totalmente no sofrimento de milhões de pessoas infetadas. **Amém.**

PROPOSTAS PASTORAIS para o V Dia Mundial dos Pobres

Um copo de água: os pobres são evangelizadores

Como é que os pobres nos evangelizam? Um copo de água não é muito, é algo que todos podem dar e que todos, por sua vez, podem receber. Ainda assim, Cristo fez do copo de água um gesto que deve ser premiado (cf. Mt 10,42). Os pobres evangelizam-nos com um copo de água, ou seja, com a sua generosidade. Quantas vezes, os sacerdotes e outros agentes pastorais, ao visitarem casas de pobres, receberam simplesmente um copo de água, um café, uma fatia de bolo ou mesmo o almoço ou o jantar. Os pobres são os primeiros a ser generosos, a servir, a prestar assistência, a escutar, a caminhar com quem, como eles, sofre.

Durante este tempo de pandemia, vimos a generosidade dos pobres em ação. Nas paróquias de todo o mundo, foram os pobres a oferecer-se como voluntários para recolher e distribuir cabazes de alimentos aos mais necessitados. Os pobres compravam dois pacotes de leite, ficavam com um e davam o outro. Os pobres davam o seu copo de água, ajudavam a limpar igrejas, parques, áreas de recreio para os filhos dos vizinhos, etc. Os pobres prestavam assistência aos seus vizinhos e garantiam que ninguém tivesse sido deixado sozinho. Os pobres evangelizavam com as suas ações!

Na sua mensagem para este *V Dia Mundial dos Pobres*, o Santo Padre Francisco convida-nos a ver e a acreditar plenamente naquilo que vimos ser autêntico durante este tempo marcado pela pandemia: «Os *pobres* de qualquer condição e latitude evangelizam-nos, porque permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai» (n. 2). Retomando a Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, continua o Papa Francisco: «Têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a empregar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e

a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles» (n. 2).

Neste *V Dia Mundial dos Pobres*, em que somos convidados a ver os pobres, que estão e sempre estarão connosco, como «sacramento de Cristo» porque «representam a sua pessoa e apontam para Ele» (n. 3), as seguintes sugestões pastorais podem ser promovidas nas Dioceses e Paróquias e onde, efetivamente, estiverem os pobres. Deixemos que o seu copo de água toque os nossos corações e nos transforme!

PROPUESTAS PASTORALES

1. Pedir a uma pessoa com uma doença terminal para escrever as Orações dos Fiéis para este *V Dia Mundial dos Pobres*.
2. Convidar um ex-presos para falar ao grupo de jovens ou para um encontro diocesano da sua experiência com a misericórdia e o perdão de Deus.
3. Ao dar alimentos ou roupas aos pobres, perguntar se querem rezar ou recitar uma oração em conjunto ou, melhor ainda, pedir-lhe que ofereçam sozinhos a oração, permitindo que façam experiência da união com Deus.
4. Promover uma campanha “ninguém come sozinho” que incentive todas as famílias a tomar juntos, todos os dias, pelo menos uma refeição.
5. Pedir a uma pessoa que tenha sobrevivido à infeção de Covid-19 que escreva uma reflexão sobre o significado do seu sofrimento e publicá-la no boletim paroquial ou no jornal diocesano.
6. Convidar as mães solteiras (ou os pais solteiros) e os seus filhos para uma festa paroquial especial ou patrocinar um passeio deles/as a um parque local de recreio.
7. Convidar para a celebração de uma Santa Missa por todas as mulheres grávidas e convidá-las para a bênção dos seus filhos que ainda não nasceram.

8. Patrocinar na paróquia ou no centro diocesano uma “feira do emprego” onde reunir quem tem trabalho para dar e quem procura trabalho.
9. Promover uma “recolha de brinquedos” para as crianças internadas em lares devido a violência doméstica ou para as crianças de rua, pedindo às crianças da tua paróquia que ofereçam brinquedos em boas condições, não brinquedos estragados ou que já não querem.
10. Pedir a todos os que estão em casa que rezem pelas vocações e pelas crianças e jovens que vão receber o crisma ou a primeira comunhão ao longo do próximo ano de formação para a fé.
11. Garantir que se acolhe na paróquia as crianças com autismo e que se sensibiliza a comunidade sobre o autismo e sobre o direito das crianças com autismo de rezar com todo o Povo de Deus.
12. Incluir as crianças com síndrome de down nos teatros e noutras apresentações de Natal.
13. Envolver os presos, os doentes e os refugiados no processo de consulta do próximo Sínodo da Igreja universal.
14. Pedir às comunidades contemplativas e de clausura que rezem pelos casais da paróquia que estão para casar-se.
15. Acolher as famílias de imigrantes, reconhecendo as suas devoções particulares de piedade popular, como a “Fuga para o Egito” comemorada pelos católicos nigerianos, o “Paso del Niño” comemorado pelos católicos equatorianos, as celebrações relacionadas com Nossa Senhora de Guadalupe comemoradas pelos católicos mexicanos, etc.



TESTEMUNHOS SOBRE O DIA MUNDIAL DOS POBRES NAS IGREJAS LOCAIS

As visões e as ideias sobre a pobreza mudam de acordo com o lugar onde vivemos. Há 4 anos que estou aqui no Chade, numa das missões africanas das Irmãs Franciscanas Alcantarinhas, congregação a que pertencço. Os olhos ou melhor o meu olhar mudou definitivamente graças a tudo o que me rodeia e que envolve o nosso serviço e o próprio facto de estarmos aqui. A nossa pequena Diocese fica no sul deste país muitas vezes esquecido, mas que continua a ser uma grande encruzilhada para os grandes movimentos económicos e políticos do continente africano; uma pequena Diocese apenas com 12 paróquias, que abraça um território tão grande como a Sicília. Entre pobres ajudamo-nos: esta é a síntese do que sinto que devo dar e testemunhar. Entre pobres compreendemo-nos naquele sentimento de, muitas vezes, fazer parte de uma vida não justa e cheia de contradições mas que, graças à solidariedade, se torna uma graça. Na semana que nos preparou para o último *Dia Mundial dos Pobres* de 2020, toda a Igreja local se esforçou por olhar dentro de si. Neste país, a pobreza atinge os 67% da população e falar de pobres é

verdadeiramente algo de todos. As iniciativas para nos apoiarmos foram múltiplas e cheias de significado. Desde tornar o grande espaço da liturgia dominical mais limpo e digno, à limpeza e pintura do Centro cultural paroquial que, todos os dias, é testemunha de 200 estudantes dos vários liceus à procura de mais uma possibilidade para estudar; e aqui já é uma grande ajuda ter livros para aprofundar os temas de estudo. A biblioteca paroquial tem cerca de 3000 volumes sobre as várias matérias, mas sobretudo tem um espaço equipado com mesas, bancos e quadros. Os jovens meteram mãos à obra para ordenar as várias estantes e pintar de novo os espaços: as cores dão vida e esperança. Vi-os determinados, contentes, entusiasmados a transformar aquele lugar, pelo menos, numa possibilidade concreta para o seu futuro. Este país não dá nada por eles. Depois do Bac (exame final do secundário) a maioria dos jovens não tem qualquer possibilidade de emprego ou de prosseguir estudos.

No final dos trabalhos, que duraram alguns dias, os corajosos voluntários quiseram escrever duas frases nas paredes do espaço à frente da biblioteca, que podem resumir o grande desejo de ser homens e mulheres livres. As frases são estas: «A cultura é o caminho da liberdade»; «A diferença entre o possível e o impossível está na determinação».

Os pobres ensinam mesmo muito: umas vezes, o silêncio diante da dor impossível, outras vezes, a coragem de ousar quando a esperança parece estar longe. Mas felizes serão sempre os que ainda são capazes de aprender com os últimos do mundo.

Irmã Marilda Sportelli

Irmã Franciscana Alcantarina, missionária no Chade

PAOLO COCCHERI **O VISIONÁRIO DO VOLUNTARIADO**

Conheci o Paolo há 30 anos, quando estava na sua casa, em Florença, a ler textos de espiritualidade juntamente com um grupo de teatro a quem dava aulas. Com efeito, o Paolo tinha trabalhado no teatro com o Orazio Costa e, ao longo da sua vida, tinha sido o idealizador de vários festivais de teatro.

Mas a sua vida mudou radicalmente depois da leitura de um livro de Fioretta Mazzei sobre o santo Presidente da Câmara de Florença, Giorgio La Pira. O Paolo dizia sempre que este livro tinha sido o clarão no seu caminho de Damasco.



Mais tarde, encontrámo-nos em 1993, porque eu tinha lido num jornal florentino que, todos os dias, à noite, um grupo de pessoas saía para levar comida e bebida aos sem abrigo de Florença. No fim do artigo, havia um pedido de novos voluntários para esta iniciativa, com o telefone do Paolo. Telefonei-lhe logo para pedir informações e, na noite seguinte, lá estávamos 50 pessoas na Praça de São Marcos, para dar início àquela que viria a tornar-se a Ronda da Caridade de Florença.

A partir daquele dia nunca mais larguei esta atividade de voluntariado, que mudou a minha vida. Sempre o disse ao Paolo, mesmo um mês antes da sua morte, quando nos telefonámos para nos cumprimentarmos. Disse-lhe: «Paolo, sabes que és um pouco maluco! Mas para mim foste muito mais importante, porque tiveste esta ideia da Ronda que permitiu que construíssemos uma rede importante de pessoas, com voluntários e com pessoas da estrada, nossos amigos, com a qual demos início a um caminho que ainda permanece».

Nos primeiros anos da nossa atividade, o Paolo saía sempre connosco à noite para, depois, voltar a partir no dia seguinte para uma nova cidade, uma nova estação ferroviária, para aí afixar a sua folha com o pedido de adesão de voluntários para um serviço de estrada aos sem abrigo. E assim nasceram mais de 70 Rondas na Itália e 2 no estrangeiro. O Paolo foi para todos nós o motor da atividade, embora nunca tenha querido aceitar encargos institucionais, para se sentir livre de ir para onde o levasse o seu espírito e a sua criatividade.

Sempre foi um vulcão de ideias e de projetos. Dizia-me: «Eu semeio, mas é preciso que alguém colha». E foi o que procurámos fazer em Florença, tal como os outros grupos a que o Paolo deu vida.

Iniciámos a partir da distribuição de comida e de bebidas aos sem abrigo; depois, com outras associações conseguimos garantir o domicílio de apoio a todos os que não tinham documentos, ajudando-os assim a reinserir-se num percurso de integração social.

De modo a evitar desperdícios alimentares, sempre procurámos recolher os alimentos não consumidos pelos bares e restaurantes para os distribuirmos a quem não tinha nada para comer e o Paolo sempre esteve connosco a mostrar-nos qual era o caminho mais adequado para chegar a uma pessoa em estado de indigência.

Vai fazer-nos falta o seu sorriso, a sua força espiritual, o seu exemplo: o Paolo morreu na pobreza absoluta, mas o seu exemplo permanece nos nossos corações.

Marisa Daniela Consilvio

Presidente da Ronda da Caridade e da Solidariedade de Florença (Itália)



NO CORAÇÃO DA ÁFRICA EVANGELIZAR ENTRE OS POBRES

Chamo-me Rossella Della Neve, tenho 21 anos e vivo num dos bairros mais difíceis de Nápoles: Monsanto. Fui-me habituando ao sofrimento, à violência, à ilegalidade. Mas Jesus permitiu que eu O encontrasse: tirando-me a venda dos olhos, tocou o meu coração e a minha vida, fazendo com que eu me sentisse amada com um amor que me preencheu totalmente, sarando as minhas feridas.

Pensava que já tinha visto de tudo na minha vida, mas estava enganada. No passado mês de setembro, com o meu pároco, Padre Michele Madonna, e um grupo de 14 jovens, fomos para o coração da África, para a República Centro Africana, para a localidade de Bimbo, no âmbito de um projeto nascido por ocasião do *Dia Mundial dos Pobres*. Foi para lá, pensando que ia ajudar e evangelizar. Mal cheguei, caí por terra: nunca tinha visto tanta pobreza e tantas formas de pobreza.

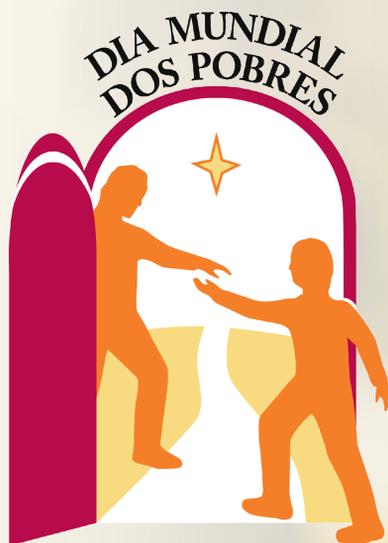
Não pude fazer nada, a não ser render-me e deixar que as pessoas e Jesus me tomassem pela mão. Aqueles que eu queria ajudar, foram eles a ajudar-me; aqueles que eu queria evangelizar, foram eles a evangelizar-me. Não tinham nada, mas tinham a alegria e a felicidade que ninguém lhes podia roubar. Ensinaaram-me a confiança em Deus e a beleza da fé. Pude constatar que Deus é tudo para eles e vi sacerdotes, religiosas e leigos a dar a vida, dia após dia, servindo e amando à maneira de Jesus. E percebi que a verdadeira pobre sou eu.

Rossella della Neve

Paróquia de Santa Maria a Montesanto (Nápoles)







**Sempre tendes
os pobres convosco**

2021

O LOGOTIPO DO DIA MUNDIAL DOS POBRES

A dimensão da reciprocidade é correspondida pelo logótipo do *Dia Mundial dos Pobres*. É visível uma porta aberta e, à entrada, duas pessoas que se encontram. Ambas estendem a mão: uma porque pede ajuda, a outra porque pensa em oferecer ajuda. Na verdade, é difícil compreender qual dos dois é o verdadeiro pobre. Melhor, ambos são pobres. Quem estende a mão para entrar está a pedir partilha; quem estende a mão

para ajudar é convidado a sair para partilhar. São duas mãos estendidas que se encontram, em que cada uma delas oferece algo. Dois braços que são expressão de solidariedade e que se provocam um ao outro, para que ninguém fique no limiar da porta, mas que ambos vão ao encontro um do outro. O pobre pode entrar em casa, quando quem está dentro tiver compreendido que ajudar é partilhar.

«Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14,7). É um convite a nunca perder de vista a oportunidade que nos é dada de fazer o bem, fazendo com que se realizem os votos formulados pelo Papa Francisco para que o *Dia Mundial dos Pobres* possa radicar-se cada vez mais nas nossas Igrejas locais e abrir-se a um movimento de evangelização que, em primeira instância, encontre os pobres lá onde estão.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO do S.E. Mons. Rino Fisichella	5
MENSAGEM do Santo Padre Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres	9
HOMILIA do Santo Padre Francisco para o IV Dia Mundial dos Pobres	19
LECTIO DIVINA	
I Proposta: «Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14,7)	23
I Comentário: «Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14,7)	33
II Propuesta: «Nunca faltarão pobres na terra...» (Dt 15,11)	36
II Comentário: Pobres e ricos: precisando uns dos outros	43
Comentário teológico-pastoral: O excesso do amor	48
VIGÍLIA DE ORAÇÃO	52
EXPOSIÇÃO DA SANTÍSSIMA EUCARISTIA E ADORAÇÃO	65
O ROSÁRIO DOS POBRES	72
ORAÇÃO INSPIRADA na Mensagem do Papa Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres	84
PROPOSTAS PASTORAIS	86
TESTEMUNHOS	89
O LOGOTIPO DO DIA MUNDIAL DOS POBRES	94



Sempre tendes
os pobres convosco

2021

*Os pobres estão no meio de nós.
Como seria evangélico,
se pudéssemos dizer com toda a verdade:
também nós somos pobres,
porque só assim conseguiríamos realmente
reconhecê-los e fazê-los tornar-se parte
da nossa vida e instrumento de salvação.*

Francisco

24P 171

\$



9 788892 226333